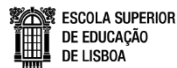


“A interação pai-filho/a: uma dança intrincada entre pais e bebés”

Marta Cleto Silva Pinheiro

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Intervenção Precoce

2022-2023



“A interação pai-filho/a: uma dança intrincada entre pais e bebés”

Marta Cleto Silva Pinheiro

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Intervenção Precoce
Orientadoras: Professora Doutora Marina Fuertes e Professora Doutora
Joana Lopes

2022-2023

| | ' | | ' |



AGRADECIMENTOS

Salmo 131

Agradeço, primeiramente, a Deus. “Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas” (Romanos 11.36). Que privilégio saber que Deus é um pai bondoso, cuidador, fiel, justo e misericordioso, que traz para a nossa alma a mesma sensação que um bebé sente ao ser acolhido e nutrido por sua mãe. Maior referência de paternidade não há e que se cumpra na terra, a paternidade que Ele cumpre no céu.

Existe um provérbio africano que diz “It takes a village to raise a child”. Neste caso, não foi para educar uma criança, mas para “fazer nascer” e acompanhar este projeto. Desde já, o meu muito obrigada por formarem esta “village”. Um agradecimento especial:

Às professoras Marina Fuertes e Joana Lopes, pelo acompanhamento e direção ao longo de todo o processo.

A todos os pais que se dispuseram a doar o seu tempo para experimentar algo diferente. Sem vocês não haveria estudo para apresentar! Muito obrigada pela disponibilidade genuína, abertura ao desconhecido e espírito boa-onda com que me presentearam. [Vocês, vossos bebés e esposas também!] Foi muito prazeroso poder reunir esta dance crew. “GroovaRoo dads rock”, indeed!

À Joaquina e toda a equipa da Love2Dance, que prontamente cederam o seu espaço para acolher os pais ao longo dos meses.

À equipa com quem trabalho. Ao meu chefe, Afonso Liberal, cujas portas também sempre estiveram abertas e permitiram receber os pais nos ajustes e imprevistos que foram acontecendo. À minha colega, Fátima Ribeiro, e todo o cuidado, interesse e apoio demonstrado ao longo da jornada.

Aos meus pais e família que me cerca. Todos os meus voos, também se devem às raízes que tenho! Amo-vos.

A todas as pessoas que se fizeram presentes em grandes e pequenos detalhes. Algumas com seus ouvidos e [c]orações, outras com material, conhecimentos e contactos. Roque, Adriana, Esther, Marcos, Matheus, Samuel Lins, Cininha, Margarete, Zira, Dr Fábio, Ana, Mi, Raquel, Jess, Kirsa, Maiko... que bom que mais de amigos, eu vos poder chamar “família”!

RESUMO

Embora a investigação no campo da vinculação se tenha debruçado principalmente sobre o estudo das interações em díades mãe-bebé, a relação pai-bebé é igualmente crucial para o desenvolvimento socioemocional da criança. A investigação indica que os pais podem ser figuras de vinculação seguras e sensíveis nos cuidados às crianças e na satisfação das suas necessidades emocionais. No entanto, poucos estudos têm procurado caracterizar a perceção paterna sobre o impacto e importância do seu envolvimento com o bebé. Por outro lado, existe evidência que apoia a participação em programas de intervenção para melhorar a qualidade das interações pai-bebé quando o envolvimento dos pais não é sensível.

Baseados em estudos que sugerem que o contacto físico na interação paterna é preferencialmente estabelecido através do envolvimento em atividades de jogo/brincadeira com recurso ao toque, muitos programas de intervenção foram desenvolvidos no âmbito do *dance-movement therapy*. No entanto, são necessários mais estudos sobre a sua eficácia para a construção da relação entre pais e filhos.

Neste estudo, pretendeu-se estudar a perceção paterna sobre a importância do seu envolvimento no desenvolvimento da criança e, por outro lado, avaliar o efeito de um programa de intervenção baseado na dança na qualidade da interação pai-bebé através de indicadores qualitativos e quantitativos.

A amostra é composta por 9 díades pai-bebé. Os pais foram entrevistados a fim de aferir as suas perceções e vivências da paternidade. Posteriormente, as díades participaram num programa de intervenção baseado na dança – o *GroovaRoo Dance* –, durante um período de 3 meses, que incluía a participação em aulas de dança orientadas para a promoção da interação pais-bebé. O efeito da participação das díades foi avaliado através da observação em situação de jogo livre antes e depois da implementação do programa. A escala MINDS foi usada para cotar os dados da interação pais-bebé nos períodos pré- e pós-intervenção (resposta facial, resposta vocal, trocas afetivas, posicionamento e manipulação, diretividade, atividade lúdica e reciprocidade). No final do programa, foi conduzida uma nova entrevista tendo em vista aferir a perceção subjetiva dos pais relativamente ao impacto da participação no programa.

Embora não se tenham encontrados diferenças quantitativas relativamente à qualidade do comportamento diádico antes e após a intervenção, os resultados qualitativos indicam que o programa teve impacto positivo no que diz respeito à promoção de tempo de qualidade entre pai e bebé. Sendo a qualidade do tempo de interação entre pai e bebé uma das dimensões de maior impacto para o estabelecimento de uma relação segura entre ambos, este resultado sugere que o programa *GroovaRoo Dance* tem elevado potencial para as Práticas em Intervenção Precoce.

Palavras-chave: *Interação pai-filho/a; Perceções paternas; Programa de intervenção baseado na dança; Práticas em Intervenção Precoce*

ABSTRACT

Although research in the field of attachment has focused mainly on studying interactions in mother-baby dyads, the father-baby relationship is equally crucial for the child's socio-emotional development. Research indicates that fathers can be secure and sensitive attachment figures in caring for children and meeting their emotional needs. However, few studies have sought to characterize paternal perceptions of the impact and importance of their involvement with the baby. On the other hand, there is evidence that supports participation in intervention programs to improve the quality of father-infant interactions when parental involvement is not sensitive.

Based on studies that suggest that physical contact in paternal interaction is preferably established through involvement in game activities using touch, many intervention programs have been developed within the scope of dance-movement therapy. However, more studies are needed on its effectiveness in building the relationship between parents and children.

This study aimed to analyze paternal's perception of the importance of their involvement in the child's development and, on the other hand, to evaluate the effect of an intervention program- based on dance- on the quality of father-baby interaction through qualitative and quantitative indicators.

The sample consists of 9 father-infant dyads. Fathers were interviewed in order to assess their perceptions and experiences of fatherhood. Subsequently, the dyads participated in a dance-based intervention program – GroovaRoo Dance – over a period of 3 months, which included participation in dance classes aimed at promoting parent-baby interaction. The effect of the dyads' participation was evaluated through observation in free play situations before and after implementing the program. The MINDS scale was used to measure parent-baby interaction data in the pre- and post-intervention periods (facial response, vocal response, affective exchanges, positioning and manipulation, directiveness, playful activity and reciprocity). At the end of the program, a new interview was conducted to assess parents' subjective perception of the impact of participating in the program.

Although no quantitative differences were found regarding the quality of dyadic behavior before and after the intervention, the qualitative results indicate that the program

had a positive impact on promoting quality time between father and baby. Since quality of time interaction between father and baby is one of the dimensions with the greatest impact on establishing a safe relationship between them, this result suggests that the *GroovaRoo Dance* program has high potential for Early Intervention Practices.

Key-words: *Father-child interaction; Paternal's perceptions; Dance-based intervention program; Early Intervention Practices*

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
ABSTRACT	6
1. INTRODUÇÃO.....	3
2. ESTADO DE ARTE.....	6
2.1. Modelos desenvolvimentais fundamentais	7
2.2. Desenvolvimento socioemocional ao longo do 1º ano de vida	8
2.3. O pai.....	12
2.3.1 Evolução conceptual do papel do pai	12
2.3.2 Importância do pai para o desenvolvimento do bebé	13
2.3.3 Impacto do pai na vida do bebé	14
2.3.4 Características da Interação pai-bebé	16
2.3.5 Sensibilidade Paterna.....	17
2.3.6 Envolvimento Paterno	18
2.4 Programas de intervenção na interação pai-bebé	20
2.4.1 Programa "GroovaRoo Dance"	21
3. METODOLOGIA.....	27
3.1 Objetivos do Estudo.....	28
3.2 Participantes	29
3.3 Instrumentos de recolha de dados.....	31
3.4 Procedimento e Questões Éticas.....	35
3.5 Plano analítico	35
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	37
4.1 Objetivo 1: Estudo qualitativo- Perceção Paterna sobre o Envolvimento Paterno... 38	
4.2 Objetivo 2 e 3 : Estudo misto- Impacto GroovaRoo Dance na interação pai-bebé.. 55	
4.2.1 Objetivo 2: Análise de dados quantitativa- interação pai-bebé pré e pós dança ... 55	
4.2.2 Objetivo 3: Análise de dados qualitativa-perceção paterna do impacto do GroovaRoo Dance	56
4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	62

4.3.1 Objetivo 1: Percepção Paterna sobre o Envolvimento Paterno	62
4.3.2 Objetivo 2 e 3: Impacto do GroovaRoo Dance	68
5. Considerações Finais	73
5.1 Contributos do presente Estudo	74
5.2 Limitações e considerações para estudos futuros	79
6. REFERÊNCIAS	81
7. ANEXOS.....	93
ANEXO 1 Guião entrevista semiestruturada Envolvimento Paterno.....	93
ANEXO 2: Guião entrevista semiestruturada participação GroovaRoo Dance	95
ANEXO 3: Consentimento Informado	97
ANEXO 4: Informação à Família.....	99
ANEXO 5: Tabelas análise conteúdo	101

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização da amostra.....	31
Tabela 2: Propostas musicais para o programa <i>GroovaRoo Dance</i>	35
Tabela 3 – Análise comparativa dos comportamentos paternos e infantis antes e depois da participação no programa <i>GroovaRoo Dance</i>	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig.1 “Esquema em Árvore- “Funções do pai”	39
Fig.2 “Esquema em Árvore- Impactos”	45
Fig.3 “Esquema em Árvore- Condições facilitadoras e dificultadoras”	51
Fig.4 “Esquema em Árvore- “Impacto GroovaRoo”	58

1. INTRODUÇÃO

| | " | | " |

A presente dissertação com o título “*A interação pai-filho/a: uma dança intrincada entre pais e bebés*”, foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Intervenção Precoce da Escola Superior de Educação de Lisboa, sob orientação científica das Professoras Marina Fuertes e Joana Lopes.

Esta dissertação resulta de um projeto de investigação misto, na medida em que contempla no seu plano metodológico medidas de cariz qualitativo e quantitativo. Procura, por um lado, através de um plano metodológico qualitativo, reunir informações sobre as conceções e as vivências dos pais em torno da qualidade do seu envolvimento com os filhos. Simultaneamente, o projeto dispõe de um plano metodológico quantitativo onde procura analisar a eficácia de um programa de intervenção baseado na dança facilitador da interação pais-bebé.

O estudo procura, por um lado, conhecer a vivência da paternidade numa amostra de pais Portugueses (“*como é que os pais em Portugal se envolvem com os seus bebés?*”), contribuir para o enriquecimento da literatura sobre a vivência da paternidade e maior compreensão sobre os comportamentos paternos a partir da perspetiva dos próprios pais, promovendo a valorização do papel paterno e uma mudança nas expectativas sociais associadas a esse mesmo papel, de modo que seja atribuído aos pais um lugar de destaque e participação ativa na formação do “*ser em construção*”.

Por outro lado, pretende contribuir para a investigação no âmbito do *Dance-Movement-Therapy* (DMT) e aferir se programas como o *GroovaRoo Dance* são uma mais-valia no apoio à promoção da qualidade na interação pai-bebé (com impacto posterior na relação de vinculação entre ambos). Caso se confirme essa hipótese, esta é uma ferramenta que poderá ser utilizada no futuro por técnicos especialistas em intervenção precoce e transversalmente a diferentes domínios científicos. Caso se mostre eficaz e com evidências de sucesso e aceitação por parte dos pais, poderá contribuir positivamente para novas abordagens no domínio da prevenção na intervenção precoce.

Atendendo ao duplo objetivo da investigação, foi selecionada uma amostra de 9 díades pai-bebé com idades compreendidas entre os 3 e os 23 meses. Num primeiro momento, os pais foram entrevistados com recurso a uma entrevista semiestruturada relativamente às suas perceções sobre a paternidade e o envolvimento paterno. Posteriormente, as díades participaram no programa de *Dance-Movement-Therapy*

“*GroovaRoo Dance*”, um programa de intervenção baseado na dança composto por aulas de dança semanais durante um período de 3 meses (período pós-natal), numa escola de dança localizada no Porto. Para avaliar o impacto da participação no programa de intervenção na qualidade das interações entre pai e bebé, cada pai foi observado em situação de jogo livre com o seu bebé em dois *time-points*: no período pré-intervenção e no período pós-intervenção. A interação entre ambos foi analisada com recurso às escalas *Child Adult Relationship Experimental Index* (CARE-Index) (Crittenden, 2003), adaptadas para o contexto nacional (escalas MINDS) (Fuertes et. al., 2014).

Este estudo encontra-se organizado sob a forma de dissertação que, depois de discutido em provas públicas, deverá ser submetido a uma revista indexada a uma base de dados, e do qual fazem parte: resumo em português, e inglês, breve enquadramento teórico, objetivos do estudo, métodos utilizados, apresentação de resultados, análise e discussão dos resultados, considerações finais, limitações e sugestões para estudos futuros e referências bibliográficas.

2. ESTADO DE ARTE

| ' ' | | ' ' |

2.1. Modelos desenvolvimentais fundamentais

O desenvolvimento do ser humano decorre de distintos componentes. Embora seja possível distinguir entre desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, todos esses domínios do desenvolvimento encontram-se interligados (Papalia, Olds, & Feldman, 2000). A Intervenção Precoce assenta a sua atuação partindo de uma perspetiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Fuertes, 2019), assumindo, assim, que o processo desenvolvimental é holístico (incluindo a interligação de todas as áreas de desenvolvimento e os seus processos subjacentes) e sistémico (influenciado pela interação do sujeito com os sistemas circundantes).

O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, desenvolvido por Bronfenbrenner (Bronfenbrenner & Morris, 2006) advoga que o desenvolvimento é um processo que envolve estabilidade e mudanças nas características biopsicológicas dos indivíduos quer durante o curso da sua vida, quer através de gerações. Nesse sentido, o entendimento relativo ao desenvolvimento humano precisa de ser construído partindo da análise de todo o sistema bioecológico que envolve o indivíduo ao longo da sua vida.

Para Bronfenbrenner (2005), o desenvolvimento depende de quatro dimensões que interagem entre si: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. Partindo da dimensão micro até à macro, existem distintos fatores que influenciam e condicionam o desenvolvimento de cada indivíduo, pelo que se salienta que os contextos detêm impacto nos processos desenvolvimentais de cada sujeito, para além das características de cada pessoa.

Sameroff & Chandler (1975) propõem no Modelo Transacional do Desenvolvimento que o desenvolvimento não é um processo uniforme, linear ou mecânico. Este resulta das interações contínuas e dinâmicas entre a criança e as experiências proporcionadas pela sua família. Assim sendo, o desenvolvimento “*is both child and parent, but it also neurons and neighborhoods, synapses and schools, proteins and peers, genes and governments*” (Sameroff, 2010, p.7).

Considerando a influência de múltiplos fatores no desenvolvimento individual, há que salientar o facto de a família se apresentar com um elemento central de tal processo já que os bebés “*dependem dos adultos para satisfação de suas necessidades básicas de alimentação, vestuário e abrigo, bem como de contacto humano e afeição*” (Papalia, Olds, & Feldman, 2000, p.53). Sendo o contacto humano e o afeto parte das necessidades

básicas às quais os progenitores deverão dar resposta, importa aprofundar o entendimento existente sobre este aspeto fundamental do desenvolvimento infantil.

2.2. Desenvolvimento socioemocional ao longo do 1º ano de vida

Perry (2001) salienta que a propriedade mais importante do Ser Humano reside na capacidade de formar e manter relações, uma condição imprescindível à sobrevivência humana.

No que diz respeito ao desenvolvimento de um bebé, a família detém o papel central no processo relacional, sendo o pai e a mãe os modelos relacionais primordiais da criança: *“são as dinâmicas familiares, os modelos relacionais observados e experimentados com as figuras parentais, que a criança vai utilizar como base para se relacionar com os outros. Deste modo, para que o desenvolvimento infantil seja harmonioso é importante que os pais (...) mantenham uma ligação emocional de qualidade desde cedo”* (Soares, 2013, p.17).

Essa ligação emocional precoce diz respeito à *“relação preferencial entre a criança e a(s) sua(s) figura(s) materna(s) (...) quem lhe presta cuidados, oferece proteção e com quem desenvolve uma relação afetiva de referência”* (Faria, Santos & Fuertes, 2014, p.419).

A essa *“relação única, particular e perdurável que se estabelece entre a mãe e o bebé”* (Poeiras et al., 2021, p. 222), dá-se o nome de vinculação.

Tal ligação poderá *“ser estabelecida de forma gradual, intensificando-se ao longo do primeiro ano de vida”* (Figueiredo et al, 2005^a, p.134), mas acompanha o indivíduo ao longo de toda a vida, *“from the cradle to the grave”* como referido por Bowlby (1977 citado por Ainsworth, 1985, p.792) - o autor da teoria da vinculação.

Os padrões de relacionamento que cada indivíduo estabelece encontram-se fortemente influenciados pela relação afetiva primitiva estabelecida na infância entre o bebé e as suas figuras de vinculação, pelo que a qualidade dessa primeira relação tem uma grande influência nas relações e interações estabelecidas posteriormente (Branco, 2008). Uma vez que *“Infants and children learn much more when exploring with a caregiver, who can scaffold and co-construct problem solutions and problem-solving skills, than they could exploring alone”*(Ainsworth et al., 2015, p.19).

Esta relação afetiva é crucial para a proteção e sobrevivência do bebê (George & Solomon, 1999). São as repetidas interações com a figura de vinculação que transmitem à criança a noção de mundo enquanto um lugar seguro ou não. O bebê vai desenvolvendo previsões sobre o comportamento futuro da figura materna, previsões essas que se constituem e consolidam ao final do primeiro ano de vida em esquemas mentais (*Dynamic Internal Working Models*), com base no histórico de interações. Assim, as crianças desenvolvem uma expectativa positiva sobre a figura materna como sendo, de facto, segura e acessível, consoante a resposta às necessidades de proximidade e proteção que a criança manifesta e a capacidade da mãe para as satisfazer. Quando a criança sente as suas necessidades atendidas, em interações que são maioritariamente do tipo “*serve-and-return*”, tende a desenvolver uma relação segura com a figura de vinculação. Contudo, nem sempre assim acontece, e nalguns casos a relação estabelecida entre mãe e bebê é insegura (Branco, 2008).

Os estudos de Ainsworth e colegas (2015), analisaram o comportamento da criança no Paradigma Experimental “Situação Estranha” quando a mesma se reúne com a mãe após dois episódios de separação, isto é, após ser ativado o sistema de vinculação. Duas dimensões importantes da vinculação são analisadas: o modo como a criança recorre à figura de vinculação como base segura de exploração (“*secure base*”) e como porto de abrigo (“*safe haven*”), permitindo caracterizar a qualidade da vinculação mãe-bebê em três padrões distintos de vinculação: seguro (B), inseguro-evitante (A) e inseguro-resistente/ambivalente (C).

É, portanto, necessário que as crianças desenvolvam um laço afetivo com quem lhes dispensa cuidados. Deste modo, idealmente, a figura de vinculação deve ser uma base segura, capaz de transmitir à criança a confiança e segurança que lhe permite explorar o meio (físico e social) e, simultaneamente, um porto de abrigo, capaz de confortar a criança em situações vivenciadas como uma ameaça e/ou perigo (Bowlby, 1969/1982 citado por Faria, Santos & Fuertes, 2014).

Fishbane (2007, p.401) refere que os estudos feitos em torno dos comportamentos de vinculação tornaram possível descodificar “*the intricate dance between parents and baby that facilitates the baby’s brain development*”.

Segundo Bowlby (1998 citado por Branco, 2008), os bebês apresentam comportamentos inatos que potenciam a vinculação entre ele e a figura de cuidados, tais como chorar, fazer contacto visual, agarrar-se, aconchegar-se e sorrir. Esses comportamentos são especificamente dirigidos às figuras que o bebê associa como sendo os seus cuidadores.

Esses comportamentos são ativados por condições distintas como a vivência de situações estranhas, a fome, o cansaço ou qualquer coisa que se apresente como assustadora ou uma ameaça, levando a que o bebê acione os comportamentos que comunicam a sua necessidade de vínculo com a figura de cuidados. Essa necessidade de segurança da criança é satisfeita pela presença (visão e/ou audição) da figura materna e através da interação, potenciadora de contacto físico e carícias (Bowlby, 1998 citado por Branco, 2008). Assim, importa que as respostas dadas pelos adultos sejam congruentes, para que os bebês consigam identificar um padrão de comportamento que facilmente consigam antecipar (Calkins, 2004).

A presença dos comportamentos de vinculação dos bebês indica que estes apresentam um papel ativo na construção do vínculo. Como referido por Goleman (2006, p. 163–164): *“from birth that babies are not mere passive lumps but active communicators seeking their own intensely urgent goals. (...) The emotions of the infant direct what the mother does as much as the mother directs the infant. (...) Their loop operates in both directions, a primal emotional highway.”*

Também Beebe & Lachmann (1998, p.500) salientam que *“[the] interactive regulation flows in both directions, on a moment-to-moment basis, so that each experiences influencing, as well as being influenced by, the other’s behaviour”*. Assim sendo, a mãe é cativada pelos comportamentos inatos de bebê o que faz com que invista na interação, potenciando a continuidade do envolvimento por parte do bebê (Figueiredo, 2001).

De acordo com Bowlby (1998 citado por Branco, 2008), o bebê já vem *programado* para o estabelecimento desta relação, pelo que este é um fenómeno normativo e universal na espécie humana. No entanto, embora este processo de construção do vínculo, seja universal e indispensável, encontra-se sujeito às condições parentais e situacionais de cada família. Que tanto poderão coadjuvar como debilitar o processo de vinculação

(Pereira, 2009). Com o efeito, a organização dos processos de vinculação encontra-se sujeita a fatores de cariz biológico, psicológico e sociocultural.

Há que destacar dois fatores no que se refere à construção do vínculo: filogenética do bebé e a maternagem- e que evidenciam que esta relação é feita através de uma *“adaptação mútua, que exige tanto da mãe como do bebé, e se estabelece gradualmente”*, numa *“dança interativa (...) que levará ao “envolvimento emocional mútuo na díade”* (Branco, 2008, p.17).

De um lado, é importante considerar a filogenética do bebé, pois é esse fator que *“o impulsiona para o vínculo com o meio ambiente, permitindo perceber e aceitar os cuidados proporcionados pelos pais”*. Por outro lado, temos a *“maternagem”*, que se traduz na qualidade dos cuidados providenciados pelos cuidadores, que levará o bebé a procurar/investir nessa interação (Mahler, 1993 citado por Benczik, 2011, p.72).

Rattaz et al. (2022, p.2) referem que de acordo com os estudos e trabalhos académicos produzidos em torno deste tema, sobressaem algumas características importantes para uma interação benéfica para o bebé:

1. “Sincronia”, definida como *“a social match between the mother’s and the infant’s behavior, allowing for harmony in social exchange”* (Brazelton, Koslowski, & Main, 1974; Stern, 1985);

2. “Contigência”, definida como a *“adequacy of the parent’s response to the infant signals, in the type of response, and in the temporal delay”* (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974; Bell & Ainsworth, 1972);

3. “Adequação do nível de estimulação”, definida como a consciência de que *“the level of stimulation provided by the parent must be adapted to the baby’s age and state to ensure an optimal level of arousal in the baby in order to interact”*;

4. “Sensibilidade parental”, entendida como *“the parent’s ability to perceive and understand the infant’s signals in order to respond to these signals in an appropriate way”* (Ainsworth, 1967)

Importa destacar que numa relação onde a díade esteja em sintonia, existem quebras de conexão: *“it has been found that 70% of the interactions are not in synchrony. But repair quickly follows”* (Tronick, 2007, p.203), pelo que o sucesso da relação não está na ausência de quebras de sincronia, mas sim, na agilidade em sabê-las reparar.

Talvez por essa razão De Wolf & van IJzendoorn (1997 citado por Faria, Santos & Fuertes, 2014), identifiquem a “*sensibilidade parental*” como o indicador mais proeminente na vinculação segura. Essa “sensibilidade” engloba quatro capacidades distintas: a capacidade para perceber os sinais exteriorizados pela criança; capacidade para os interpretar corretamente; capacidade de responder adequadamente a esses sinais e a capacidade de prontamente dar essas mesmas respostas (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974, p. 127).

Tal manifestação de empatia para com as necessidades da criança, leva a que a criança se sinta vista e desenvolva a confiança crucial para a construção e diferenciação do seu *self* - “*Self-esteem and self-confidence are built on this interpersonal dance of attunement and empathy*” (Fishbane, 2007, p.402).

Sabe-se que quanto mais experiências de interação social um bebê tiver com uma pessoa, maior é a probabilidade de estabelecer um vínculo com a mesma (Branco, 2008). A investigação em torno deste tema focou-se maioritariamente na relação mãe-criança (Faria, Santos & Fuertes, 2014), uma vez que, regra geral, é a mãe quem dispensa a maior parte dos cuidados essenciais e do afeto ao bebê, com o bebê a ser envolvido por ela em todos os sentidos (o cheiro, o tom de voz, o olhar). Contudo, é igualmente premente atender ao papel do pai nesse domínio, dado que as crianças também formam relações de vinculação com o pai, embora haja menos estudos nesse domínio do que nas relações mãe-bebê (Braungart-Rieker, Garwood, Powers & Wang, 2001)

2.3. O pai

2.3.1 Evolução conceptual do papel do pai

O papel do pai sofreu uma evolução conceptual nas últimas décadas. A literatura científica tem vindo a dar maior destaque à paternidade (Souza & Benetti, 2009). Destaque esse particularmente saliente no que diz respeito às mudanças na família contemporânea, nomeadamente nas funções e nos papéis assumidos pelo homem e pela mulher.

Com efeito, têm-se verificado, nas sociedades ocidentais, alterações na conceção da paternidade. Se a responsabilidade paterna já foi associada à provisão das necessidades

materiais da família, cada vez mais se considera os pais como figura emocional de suporte à gestante e ao bebê (Branco, 2008).

A investigação tem indicado que *“o exercício e a expressão da paternidade têm ocorrido de modo mais participativo na Contemporaneidade, possibilitando a emergência de uma figura paterna menos distanciada das necessidades do filho e da família (...)”* (Menezes, Scorsolini-Comin & Vilela Santeiro, 2019, p.22), emergindo, portanto, um maior reconhecimento da importância do pai para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo da criança (Castoldi et al., 2014).

2.3.2 Importância do pai para o desenvolvimento do bebê

De acordo com Faria, Santos e Fuertes (2014), um vasto corpo de conhecimento tem evidenciado que o pai é uma figura com influência no desenvolvimento e saúde mental dos filhos, sendo a qualidade da vinculação pai-filho/a um fator-chave nesse processo (e.g., Lamb, 1997; Lamb & Lewis, 2004 citado Faria, Santos & Fuertes, 2014).

Benczik (2011, p.69) refere que *“as crianças que sentem o pai próximo e presente sentem-se mais seguras em seus estudos, na escolha de uma profissão ou na tomada de iniciativas pessoais”*. A revisão de literatura de Faria e colaboradores (Faria et al., 2014, p. 243) corrobora este resultado ao referir que *“as crianças que estabelecem relações seguras com os seus pais tendem a apresentar menos problemas de comportamento, maior sociabilidade e relações mais recíprocas com os seus pares”*. Lamb, & Tamis-Lemonda (2004) referem que a literatura indica, também, que crianças com pais altamente envolvidos, apresentam índices de competências cognitivas superiores, maior empatia, menos estereótipos de gênero e maior locus de controlo interno.

Por outro lado, a ausência do pai ou a presença de uma relação perturbada são fatores de risco para o desenvolvimento socioemocional e saúde mental da criança (Grossmann, Grossmann, & Kindler, 2005 para uma revisão).

A título de exemplo, Eizirik e Bergamann (2004) identificam como riscos a possibilidade de conflitos/perturbação no desenvolvimento psicológico e cognitivo que poderão desencadear o desenvolvimento de perturbações do comportamento. Num estudo nacional de Gonçalves & Fuertes (2016) sobre a importância do pai para a autorregulação

do bebê, os autores concluíram que a figura paterna apresenta um papel central no desenvolvimento da autorregulação infantil *socialmente positiva*.

A longo prazo, a interação entre pai e filho detém grande influência no desenvolvimento cognitivo e social da criança, facilitando-lhe a capacidade de aprender e se integrar na comunidade (Benzik, 2011).

2.3.3 Impacto do pai na vida do bebê

Segundo Lamb e Tamis-Lemonda (2004, p.8) *“Fathers affect their children directly and indirectly, and both pathways are key to a comprehensive understanding of fatherhood”*. O pai tem impacto na vida do bebê tanto pela relação que estabelece com ele como pela relação que estabelece com a mãe do bebê, tornando-se também uma fonte de influência para o desenvolvimento da criança.

A presença física e o suporte emocional do pai são elementos-chave na relação da mãe com o bebê, uma vez que este, ao conferir segurança e bem-estar emocional à mãe, influenciará positivamente a relação da mãe com o bebê (Branco, 2008).

A par dessa influência indirecta no desenvolvimento do bebê, o pai destaca-se, também pela relação directa que estabelece com o bebê.

Tal relação é significativa para a construção da identidade do bebê: *“quando a criança nasce, não tem identidade física ou psíquica definida, é um continuum materno, um prolongamento da mãe (...). Tem um cordão umbilical não físico, mas afetivo; (...)”* cujo “corte” acontece pela presença do pai e da relação estabelecida com o bebê: *“o pai é aquele que promove o rompimento da simbiose com a mãe, o vínculo onde não há duas pessoas, mas apenas uma indiferenciação, possibilitando ao filho tornar-se sujeito, com uma identidade, no mundo do real. É o pai que deve abrir a gaiola, realizando um corte indispensável que põe limite nessa relação fechada entre mãe e filho”* (Branco, 2008, p.32).

A presença do pai na vida do bebê implica, portanto, a interação entre ambos. Branco (2008, p. 34) refere que vários estudos têm vindo a confirmar o quão *“fundamental é para o bebê o estabelecer precoce de relações significativas, caracterizadas pela interação recíproca ou estimulação precoce”* uma vez que *“a voz paterna é tão importante para a criança que se o pai se comunicar com ela ainda in útero, a criança é capaz de*

reconhecê-la e de reagir, logo ao nascer”, sendo fonte de segurança para o bebê no caso de a mãe não poder estar presente.

Embora o lugar do pai entre os seis e doze meses de vida do bebê ainda não tenha tanto destaque na literatura, como o da figura materna, este deve ser referenciado, já que pai e mãe cuidam igualmente bem dos bebês, podendo estabelecer uma verdadeira relação simbiótica com o bebê, sendo, contudo a forma de o fazerem, distinta da materna” (Figueiredo, 1997).

De facto, atendendo ao que já foi apresentado sobre o desenvolvimento socioemocional do bebê e a importância da relação de vinculação entre o bebê e a figura materna (Faria, Santos & Fuertes, 2014) importa destacar que essa figura tanto pode ser a mãe como o pai. Embora numa fase inicial Bowlby tenha equacionado que a relação de vinculação fosse algo exclusivo entre mãe e bebê, mais tarde, reiterou que tal figura não precisava de ser necessariamente a mãe biológica, sendo também possível que um outro cuidador, nomeadamente o pai, desempenhasse esse papel (Faria, Santos & Fuertes, 2014).

As observações levadas a cabo no Uganda, por Ainsworth avançaram significativamente o conhecimento *“it seemed to be especially to the father that these other attachments were formed, even in the cases of babies who saw their fathers relatively infrequently. One can only assume that there was some special quality in the father’s interaction with his child – whether of tenderness or intense delight – which evoked in turn a strength of attachment disproportionate to the frequency of his interaction with the baby”* (Ainsworth, 1967, p. 352).

Lucassen et al. (2011), atestam a existência de fundamento empírico para o postulado por Bowlby e Ainsworth, reportando a existência de vários estudos sobre a vinculação pai-filho onde também foi possível identificar padrões de segurança ou insegurança nessa díade, do mesmo modo que é possível identificar nas díades mãe-filho.

Embora os estudos mostrem a importância da vinculação pai-filhos e seu impacto, tal reconhecimento não deixa de parte o facto de que a interação estabelecida entre pai e bebê seja distinta da qualidade da interação estabelecida com a mãe.

2.3.4 Características da Interação pai-bebé

Piccinini et al (2009, p.374) salientam que *“a trajetória masculina rumo à parentalidade difere da feminina, pois somente a mulher pode sentir o filho crescer dentro de si, dar à luz e amamentá-lo”*, sendo a construção do vínculo em grande medida potenciada por processos hormonais. Nesse sentido, a relação do bebé com a mãe é *“única, específica e duradoura”* (Branco, 2008, p.16), fruto da componente biológica presente na mesma.

A mãe, regra geral, experimenta uma transição mais radical (Canavarro & Pedrosa, 2005) enquanto o pai, uma vez que não partilha da mesma condição biológica, acaba por enfrentar um desafio distinto, não sendo fácil para todos os pais conseguirem criar uma ligação emocional tão imediata com os seus bebés. De acordo com Piccinini et al. (2009, p.74) *“a formação do vínculo entre pai e filho costuma ser mais lenta, consolidando-se gradualmente após o nascimento e ao longo do desenvolvimento da criança”*.

Sendo a trajetória da maternidade e paternidade distinta em variados aspetos, importa ter em consideração que o papel de um, não deverá ser encarado em substituição do outro. O papel paterno tem uma ação complementar e de igual relevância para o desenvolvimento infantil (Faria, Santos & Fuertes, 2014).

A literatura refere que, de forma geral, o envolvimento paterno surge sobretudo associado ao jogo, ao sustento económico da família e à autoridade e disciplina (Lima, Serôdio & Cruz, 2011).

Os pais tendem a passar mais tempo em atividades lúdicas e jogos (Lima, Serôdio & Cruz, 2011). Tendem a ser mais físicos e táteis na interação lúdica enquanto as atividades de cuidado e atividades funcionais são atribuídas às mães. (Parke, 2002).

Assim sendo, o pai encontra-se mais voltado para o desenvolvimento motor através do brincar, enquanto a mãe para o desenvolvimento linguístico, ao serem, regra geral, mais comunicativas, envolvendo afetivamente a criança na interação (Fuertes et al., 2017).

Como referido por Moço (2008, p. 19) *“na interação com o bebé os pais vocalizam e falam muito menos do que as mães envolvendo-se com o seu bebé mais em atividades e brincadeiras ativas, para estimular e a mãe mais para acalmar e cuidar, sendo o seu*

envolvimento mais físico”. Neste sentido, a socialização e as atividades de lazer acabam por surgir como as componentes mais salientes na relação pai-criança (Parke, 2002).

Não obstante, embora a mãe possa estar mais associada aos cuidados do filho e o pai aos jogos estimulantes, não se pode assumir que o pai não tem capacidades para cuidar do filho (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Jones e Thomas (1989) verificaram que os pais são igualmente sensíveis aos sinais enviados pelo bebé e respondem com a mesma competência das mães, mas o facto de as mães estarem mais presentes diariamente faz com que os pais tenham menos oportunidades de relacionamento, sentindo-se menos competentes e confiantes nos cuidados ao bebé, mas *“quando é dada ao pai a oportunidade de estar algum tempo com o seu bebé, eles passam o mesmo tempo que as mães a dar colo, carícias, a tocar, sendo que os bebés solicitam cuidados ao seu pai da mesma maneira que o fazem com a mãe”* (Moço, 2008, p.18).

2.3.5 Sensibilidade Paterna

Como referido anteriormente, a “Sensibilidade parental” [entendida enquanto a capacidade do cuidador para perceber os sinais exteriorizados pela criança; capacidade para os interpretar corretamente; capacidade de responder adequadamente a esses sinais e a capacidade de prontamente dar essas mesmas respostas (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974 citado por Faria, Santos & Fuertes, 2014)] é o indicador mais proeminente na vinculação segura (Faria, Santos & Fuertes, 2014).

A literatura indica que *“em média, a sensibilidade materna é superior à paterna”* (Volling, McElwain, Notaro & Herrera, 2002 citado por Faria, Lopes dos Santos & Fuertes, 2014, p. 423). Contudo, tal não descarta o facto de a qualidade da vinculação pai-filho também se constituir um factor importante para o desenvolvimento e bem-estar infantil (e.g. Lamb, 1997; Lamb & Lewis, 2004 citado por Faria, Lopes dos Santos & Fuertes, 2014). Pelo contrário, a sensibilidade paterna constitui-se *“a crucial determinant of the fathers’ impact on child development and adjustment”* (Lamb & Lewis, 2004, p.13).

Grossmann et al. (2002 citado por Lamb, 2004, p.292) reportaram que *“that by age 10, the father’s sensitivity during 10 minutes of free play at age 2 also predicted security and by 16, only this measure of father-toddler play significantly predicted adjustment.”*

Tal evidência salienta a importância que a sensibilidade paterna detém, a longo prazo, na vida dos filhos pelo que os pais devem ser intencionais na construção da relação.

Também investigações nacionais apontam para o facto de que *“a participação dos pais na prestação de cuidados e em atividades de jogo e lazer estava associada a scores mais elevados de segurança”* (e.g., Faria, Lopes dos Santos, & Fuertes, 2014, p.424). O estudo de Faria e colaboradores (Faria et al., 2014) apontou para o facto de a qualidade do tempo investido na relação entre pai e bebé ser um factor determinante para o bem-estar da relação. Se no caso materno, as mães que brincam mais com os seus bebés tendem a ter maior probabilidade de desenvolver uma relação segura com eles, no caso paterno a vinculação segura está associada à qualidade do tempo que dedicam a cuidar do seu bebé e a responsabilidade com que o fazem e não à quantidade de tempo que o fazem (Faria, Lopes dos Santos & Fuertes, 2014).

De facto, se inicialmente a investigação em torno do envolvimento paterno se concentrou exclusivamente na quantidade de tempo gasto pelos pais em interação direta com os filhos, progressivamente passou-se a valorizar a qualidade da interação (Arrais, 2012), deixando claro que mais do que a quantidade de tempo, é a qualidade do tempo que o pai despende em interação com os filhos o indicador de maior relevância (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004) a considerar no envolvimento paterno.

2.3.6 Envolvimento Paterno

A par do momento do parto, que constitui uma experiência intensa e se apresenta como um momento significativo que poderá favorecer o envolvimento precoce do pai com o filho (Carvalho, 2003), o contacto físico imediato, como o tocar, pegar ao colo, vestir, comportam grande influência no desenvolvimento da relação pai-filho. Estes comportamentos, atividades, cuidados permitem que o pai aprenda sobre si próprio e simultaneamente, vá conhecendo e deixando-se conhecer pelo seu filho/a (Pereira, 2009).

De facto, os primeiros meses de vida do bebé apresentam-se particularmente cruciais para a constituição do vínculo com o bebé. Trata-se de um período de ajustamento emocional do casal ao papel parental e de grande importância para a aprendizagem e prática conjunta dos cuidados, passível de fomentar o envolvimento paterno em momentos posteriores do desenvolvimento da criança (Meteyer & Perry-Jenkins, 2010).

O envolvimento paterno envolve três componentes: o *compromisso*, presente no contacto direto entre a criança e o pai, nos cuidados, e na interação estabelecida entre ambos; a *acessibilidade*, definida como a disponibilidade do pai para a criança, quer psicológica quer física; e a *responsabilidade*, traduzida na capacidade de o pai assegurar o cuidado da criança implementando estratégias para lidar com as suas necessidades físicas, sociais, emocionais e cognitivas (Lamb et al. 1987).

Será através dessa terceira componente, a *“responsabilidade”*, que o pai revela intencionalidade na construção da relação e não apenas o *“cumprir de uma tarefa”*. Nesse sentido, avaliar o envolvimento paterno implica observar e compreender como o pai se envolve nas atividades de cuidados, averiguando se evidencia disponibilidade física e emocional para esse contato (Bossardi e Vieira, 2010).

Como referido anteriormente, o papel de pai tem vindo a reconfigurar-se, com a emergência de um *“novo pai”*, envolvido emocionalmente no cuidado dos filhos (Branco, 2008; Castoldi et al., 2014; Menezes, Scorsolini-Comin & Vilela Santeiro, 2019).

Brazelton (2004 citado por Branco, 2008, p.30) salienta que *“a participação do pai moderno que o torna tão especial tanto para o bebé como para a coesão familiar. Porque efetivamente ele é especial. (...) Na geração passada, a maioria deles viam-se a si mesmos como um suplemento das mães. Participavam quando elas lhes pediam (...), mas tem-se verificado uma nova consciência de que criar um filho é também função do pai”*.

Ainda assim, tais mudanças poderão ser mais lentas e complexas do que por vezes as crenças populares parecem apontar (Pleck & Masciadrelli, 2004). Isto porque *“o aumento da participação do pai no cuidado e mesmo o compromisso em aderir à identidade do “novo pai” não apagam as marcas do legado social e familiar em torno do pai autoritário e provedor, em especial quando se trata de pais primíparos”, isto porque “essa “simples” mudança pode representar um intenso trabalho emocional envolvendo a revisão de modelos e experiências infantis, por vezes dolorosas, e a negociação de uma paternidade mais ativa (...) com as contínuas exigências do mundo do trabalho”* (Castoldi et al., 2014, p. 258).

Não se pode descartar que continuam a existir pais cuja visão ainda se mantém mais restrita a um papel de provedor financeiro e de segurança física (quer por entenderem que o seu papel deve ser somente esse, quer por não terem tomado consciência da importância

de um maior envolvimento emocional e interação com os filhos). Existem, também, aqueles que, apesar de um maior conhecimento e consciência nesse domínio, nem sempre sabem como concretizar esse papel na prática (Branco, 2008).

De facto, entre a consciência teórica da importância do seu envolvimento enquanto pais e a efetivação desse envolvimento pode haver um longo caminho a percorrer, com o stress parental a ser um dos fatores disruptivos para a concretização desse envolvimento.

Por “*stress parental*” entende-se um tipo de stress especificamente relacionado com a parentalidade (Osteberg & Hagekull, 2000), com origem numa variedade de fatores: características das crianças, dos progenitores e do contexto (Reitman et al., 2002).

Também o sentimento de *competência parental* poderá influenciar o modo como o pai se envolve com as tarefas, ou seja, o sentimento de autoeficácia no desempenhar das suas funções de pai e a autoestima do mesmo (Pereira, 2014).

Na verdade, o envolvimento paterno será influenciado por distintos fatores: características da personalidade do homem; relação com a família de origem; atitudes, motivações e capacidades do pai; características do filho (idade, sexo); o contexto social da relação pai-criança; a relação conjugal (uma relação conjugal satisfatória influencia o envolvimento, sentindo-se mais seguros e competentes); atitudes maternas (perceção da parte da mãe sobre a necessidade de envolvimento do pai e incentivo a que este se envolva); a rede social e fatores exteriores, como o tempo disponível, o emprego de ambos os progenitores, o estatuto profissional e a qualidade do trabalho (Featherstone, 2004; Cardoso, 2012).

2.4 Programas de intervenção na interação pai-bebé

Existem distintos programas de intervenção focados em apoiar a transição dos casais para a parentalidade (Figueiredo & Lamela, 2014).

Poeira et al. (2021, p.235) salientam que a literatura em torno de programas de preparação para o parto e parentalidade envolvendo ambos os parceiros, potenciam a “*participação do pai no pré-natal e tiveram um efeito positivo na saúde da família, promovendo a confiança, a capacidade de resolução de problemas e um maior envolvimento no processo de parentalidade.*”

Num estudo em particular, conduzido por Walter et al. (2019), identificou-se que quando os pais são incluídos nos programas de promoção do vínculo, a sua eficácia é maior na promoção da segurança das crianças, comparativamente com aqueles em que apenas as mães participam. Desse estudo, salienta-se a importância que existe em integrar o pai em programas que promovam a vinculação.

O rastreio da literatura conduzido por Poeira et al. (2021), permitiu sintetizar a compreensão sobre o que a literatura refere como contributos para o processo de vinculação do pai ao bebé recém-nascido: assistir ao parto, corte do cordão umbilical, contacto pele a pele, prestar cuidados de higiene e alimentação, apoio social e financeiro que permitam ao pai dar acompanhamento ao recém-nascido (RN), educação e envolvimento do pai na resolução dos problemas; educação parental, segurar/tocar no bebé (como, por exemplo, pela participação em programas de massagem).

Dessa análise da literatura, os autores salientaram que *“investigações futuras devem incluir uma metodologia experimental ou quase-experimental que permite identificar a eficácia de intervenções específicas na criação do vínculo do pai ao RN”* (Poeira et al., 2021, p.236). Uma dessas propostas é o programa *GroovaRoo Dance* que pode, então, ser um meio para testar se o recurso à dança favorece a interação entre pai-bebé.

2.4.1 Programa "GroovaRoo Dance"

Atendendo ao facto de que a criança pode estabelecer uma relação segura com um dos progenitores e insegura com o outro (Faria, Lopes dos Santos & Fuertes, 2014), e por isso se deve dar atenção também à relação da díade pai-bebé e reconhecendo que o tipo de interação paterna é, regra geral, muito mais voltado para a dimensão do toque e contacto físico, poder-se-á considerar que momentos de interação física promovidos pela dança poderão ser um bom aliado na consolidação da relação entre ambos.

Dellinger-Bavolek (1994 citado por Moço, 2008, p.58) refere que *“os pais necessitam de suporte, acompanhamento e educação em todo o processo de parentalidade, sendo crucial a aprendizagem de novas maneiras de se relacionarem com o seu bebé, construindo a base para a relação futura”*.

Nesse sentido, programas voltados para a promoção da interação entre pais e bebês, como o *Groovaroo Dance*, parecem trazer contributos pertinentes e que devem ser cada vez mais considerados e integrados no apoio às famílias.

O conceito do *GroovaRoo Dance* surgiu por parte de um casal Norte-Americano - Amber e Meeshi Anjali quando estavam prestes a serem pais. Estando ambos envolvidos na área do exercício físico, através da dança e do *yoga*, o casal quis construir um programa que lhes permitisse conjugar a sua paixão pela dança e movimento, com a sua nova fase de vida. Surgiram assim as aulas de dança *GroovaRoo* dedicadas a dois públicos-alvo: grávidas e famílias com bebês até 2 anos de idade (Groovaroo, s/d).

O lema do *GroovaRoo* torna bem claro o seu propósito: “*Cultivate connection from Conception*”. Através da dança procura-se apoiar as famílias nessa construção, facilitando um ambiente onde as famílias experienciem alegria, criem laços com os seus bebês (e com os outros), contribuindo assim para o desenvolvimento do bebé, principalmente no crucial período dos primeiros 1.000 dias de vida do bebé (Groovaroo, s/d).

Com alguns dos seus vídeos de dança a tornarem-se virais nas redes sociais, o programa acabou por tomar alcance internacional. Desde Agosto de 2016 que este casal (com formação no domínio do exercício físico pré e pós-natal, babywearing e Family Bonding) tem formado e certificado instrutores de dança tanto nos Estados Unidos como um pouco por todo o mundo (GroovaRoo, s/d).

O conceito das aulas é simples e objetivo: cada sessão é composta por 3 momentos: aquecimento; coreografias e arrefecimento. Tanto o aquecimento como o arrefecimento são feitos sempre com a mesma música: “*Let’s Stay Together*” para iniciar e “*Three Little Birds*” para concluir. A cada sessão existem outras duas coreografias que vão sendo introduzidas e que de semana para semana vão sendo alternadas. No entanto, existe algo comum entre todas elas, o repertório escolhido convida ao movimento, havendo a intencionalidade de que os passos de dança propostos combinem momentos de comunicação não verbal com o bebé como o contacto visual e toque (beijinho, abraço, segurar na mão do bebé) com a comunicação verbal entre bebé e adulto (na música de arrefecimento é incentivado a que os pais cantem para o bebé - “*don’t worry about a thing, ‘cause every little thing it’s gonna be alright*”).

A par de todos esses detalhes, existe ainda a escolha propositada de que o bebé seja colocado no porta-bebés virado de frente para o adulto, de modo que o coração do bebé fique próximo do peito do cuidador, lembrando que a conexão é para ser feita de “*coração para coração*”.

Sabendo que “*estudos concluíram que o método canguru melhora e fortalece o papel paterno*” (Poeira et al. 2021, p.234), a expectativa de se promover este contacto físico nas aulas de dança apresenta-se como um potencial fator com impacto positivo na relação pais-bebé.

Não estando o *GroovaRoo* no domínio de nenhuma ferramenta terapêutica, a sua proposta não deixa de ser aliciante de investigar e considerar como uma mais-valia a propor no apoio às famílias (e neste caso, aos pais) na promoção da interação com os seus bebés. Sabe-se que a dança enquanto ferramenta de intervenção é um campo ainda em desenvolvimento (Meekums & Payne, 1993), difícil de se analisar, já que as atividades artísticas dificilmente se convertem em métodos científicos, como a evidência científica do seu impacto (Meekums & Payne, 1993).

No seio do domínio científico, existe o *Dance Movement Therapy* (DMT), sustentado no entendimento de que “*nonverbal movements are a powerful communication tool*” (Tortora, 2013, p.141) pelo que recorrer ao corpo e à comunicação não-verbal é um instrumento válido de intervenção (Tortora, 2013).

No entanto, é difícil comprovar a validade de tais métodos, pois como Behrends; Müller & Dziobek (2012, p.108) referem “*dance and movement in social contexts – and maybe even more therapeutic work in DMT – are difficult to investigate because they are characterized by complex creative and intuitive rather than controlled or standardized processes. Despite the fact that a broad range of methods and techniques that are applied in DMT are well documented (e.g., Willke, 2007), empirical research on how specific DMT elements work is just beginning (e.g., circle dances; Koch et al., 2007).*”

Independentemente de ainda haver um longo caminho a percorrer no domínio da investigação científica, podemos considerar que os argumentos apresentados a favor da utilização da dança enquanto ferramenta interventiva revelam pertinência.

No DMT, o movimento é a linguagem primária com que se trabalha: “*Nonverbal actions communicate thoughts, emotions, feelings, and sensations within self and between*

self and other.” (Tortora, 2013, p.142). Behrends e colaboradores (Behrends, Müller, & Dziobek, 2012, p.108) referem que “*many dance/movement therapists and dance teachers have expressed the idea that joint movement and dance strengthen bonds between people and make people more perceptive to other people’s emotional states*”.

Segundo Chace (1952/1993 citado por Behrends; Müller,& Dziobek, 2012, p.112) “*moving in rhythmic action in unison results in a feeling of well-being, relaxation, and good fellowship (...) Early clinical observations by therapists in the field of DMT had placed a high emphasis on synchronous movement and led to the assumption that movement synchrony both facilitates and signifies movement empathy*”.

De facto, a dança e o movimento, são conhecidos pelo seu potencial para promover laços (*social bonding*) em diferentes culturas (Behrends, Müller, & Dziobek, 2012) e a mesma lógica pode ser estendida à promoção da interação pai-bebé, já que as experiências sensoriais e trocas não-verbais existentes entre o bebé e o adulto são bastantes significativas para que este se desenvolva: “*thoughts, sensations, and feelings are one for infants. The mind, body, and emotions are all aspects of self that become known more deeply over the course of development. Nonverbal embodied experience plays a key role in the development of the early attachment relationship*” (Tortora, 2013, p.142). Na mesma esteira, Shuper-Engelhard e colaboradores (Shuper-Engelhard, Moshe, Kedem, & Regev, 2021, p.2) salientam que “*there is a consensus in the literature that the physical aspects of the mother–infant relationship have an impact on the quality of care and development. Physical synchrony between mother and infant (...) have been found to be associated with a secure attachment style between mother and infant, and have an impact on attachment in future mother–infant relationships*”.

Tortora (2013) considera que na dança existe potencial comunicativo em todos os movimentos. Contudo, recorrer a um programa como o *GroovaRoo Dance* permite que se abra espaço aos dois tipos de comunicação: verbal e não verbal.

Nesse sentido, importa considerar as variadas formas pelas quais ambos os tipos de comunicação ocorrem. No caso da comunicação não verbal, “*nonverbal communication with an infant involves a variety of expressions especially primary skin contact, body heat, shared odors, breath, bodily proximity, being carried or held (...)*” (Engelhard, Zaides & Federman, 2021, p1). Enquanto a comunicação verbal “*occurs through facial*

expressions, postures, tone of voice, and gestural exchanges, all of which manifest into a jointly created tempo” (Tortora 2013, p.146)”.

Também o papel da música não pode ser dissociado do movimento. Para Edwards (2011, p.190) *“building the bonds of love in a secure relationship in the early years is essential to making a good start in life. Part of the repertory of interaction in a loving parent–infant relationship involves easily identified musical elements.”*

De acordo com esta autora, existe um corpo substancial de evidência de que os bebês preferem a música ao discurso: *“this suggests that infants may not be discriminating between music and speech but instead are drawn to the types of vocal interplay that they experience as more meaningful and recognisable”* (Edwards, 2011, p.192).

Para o bebê, *“music is not communicative in the sense of sharing information. Instead, it is concerned with sharing feelings and experiences and the regulation of social behaviour”* (Trehub, 2003, p. 672). Nesse sentido, a música deve ser entendida como *“less relevant as a cultural symbol than a deeply affective emotional communication channel”* (Edwards, 2011, p.193).

Alguns autores referem ainda que *“Music engages social human beings in reciprocal communication, bringing to mind the original sense of the word “communicare”, signifying sharing and partaking (Volgsten, 2015)- A parent’s positive and soothing voice and touch is powerful. Love and joy are important elements to provide a secure, safe and shared emotional base”* (Ullsten et al., 2018, p.8)

Com efeito, toda a experiência do *GroovaRoo Dance* pretende ser uma experiência emocional de prazer e bem-estar, fruto da influência que a música e dança detém nesse domínio (Murcia & Kreutz, 2012; Harvey, 2020). Alguns estudos têm levantado a hipótese de que tanto a dança como a música poderão estar implicadas na libertação da oxitocina (Murcia & Kreutz, 2012), hormona promotora da aproximação social e formação de laços afetivos (Campos, & Graveto, 2010).

Vários estudos referem a oxitocina enquanto *“a calming hormone which (...) plays a crucial role in the infant’s and parent’s central nervous systems in establishing parental–infant attachment”* (Ullsten et al., 2018, p.4). Também Abraham e Feldman (2018) destacaram o papel positivo da hormona oxitocina ao identificarem um aumento dos níveis da mesma durante a ocorrência de interações estimulantes entre pai e bebê.

Mais estudos deverão ser conduzidos neste domínio para que seja possível afirmar com solidez a associação entre a dança, a libertação da oxitocina e o potencial impacto na qualidade da interação entre pais e bebês. Contudo, face ao exposto anteriormente, considera-se pertinente considerar que o *GroovaRoo Dance* poderá dotar-se de uma proposta promissora no domínio da intervenção, considerando o potencial comunicativo do movimento, o valor emocional transportado na música e a mais-valia que os mesmos detêm para a promoção do bem-estar. Podendo, conseqüentemente, impactar a qualidade da interação entre pai e bebê.

3. METODOLOGIA

| ' ' | | ' ' |

3.1 Objetivos do Estudo

No presente estudo exploratório foram definidos três objetivos. O primeiro objetivo deste estudo, decorrente de uma abordagem qualitativa, é explorar as percepções paternas antes do programa *Grovaroo Dance* quanto à valorização da relação com os filhos e à forma como têm vivido essa experiência, através de entrevista. Considerando a revisão de literatura, sabe-se que o envolvimento paterno é importante para o desenvolvimento do bebê, existindo diversos fatores que poderão dificultar tal envolvimento. Nesse sentido, procurou-se identificar a percepção dos sujeitos sobre a importância de estarem envolvidos com o bebê e o impacto da paternidade nas suas vidas, bem como identificar a presença de indicadores que facilitadores ou dificultadores do envolvimento paterno na experiência dos participantes.

O segundo objetivo, insere-se numa lógica de investigação-ação – com o intuito de explorar o potencial impacto que a participação num programa de intervenção através da dança – sustentado pelo *dance-movement-therapy* – por um período de 3 meses, com uma aula semanal, poderá ter na qualidade das interações pai-bebê. As interações avaliadas através de um índice global de risco avaliado em 3 níveis (As pontuações de 35 a 21 correspondem a díades sem risco; 15 a 20 risco intermédio e 7 a 14 alto risco). Estas análises são quantitativas com recurso a estatística dos dados.

A análise do impacto do programa resulta da combinação de uma metodologia mista. Por um lado, num segundo objetivo, através de um design quantitativo pré e pós-teste, comparou-se a qualidade da interação pais-bebês nas componentes “resposta facial”, “resposta vocal”, “trocas afetivas”, “posicionamento e manipulação”, “diretividade”, “atividade lúdica” e “reciprocidade” (gravadas em vídeo), antes e após a implementação do programa de intervenção através da dança. Por outro lado, num terceiro objetivo, também se avaliaram as percepções subjetivas dos pais sobre a participação no programa, através de entrevistas. Procurou-se identificar qual o impacto e eficácia do programa de acordo com percepção dos pais sobre a experiência.

3.2 Participantes

A amostra recolhida foi obtida através de contactos directos com potenciais participantes e por via indirecta através da divulgação por parte da escola de dança (*Love2Dance*) onde o programa decorreu, bem como pela divulgação de uma enfermeira no grupo de pais que acompanhou na preparação para o parto.

A amostra é constituída por 9 sujeitos¹ com idades compreendidas entre os 24 e os 54 anos ($M = 33,75$, $DP = 7,92$, [24-54]). Quatro participantes (44,4%) são de nacionalidade portuguesa e outros cinco participantes de nacionalidade brasileira (55,5%). Todos os elementos são do sexo masculino. No que diz respeito ao estado civil, todos os 9 participantes são casados ou em situação de coabitação. Relativamente ao agregado familiar, 8 (91.6%) vivem com família direta e 1 (8.4%) com família direta e alargada. Todos os participantes são do distrito do Porto. No que diz respeito às habilitações literárias, 2 dos participantes (22.2%) terminaram o secundário, 3 (33.3%) terminaram o ensino superior (nível 6) e 4 (44.4%) terminaram o ensino superior (nível 7). Quanto à ocupação principal, 88.8% ($N = 8$) dos participantes estão empregados e 11.11% ($N = 1$) encontra-se reformado.

Neste estudo, os critérios de exclusão definidos foram os seguintes: (1) não ter ensino obrigatório (2) não ter bebé entre os 3 e os 24 meses.

No que diz respeito aos bebés, 8 (88.8%) eram do sexo feminino e 1 (11.11%) do sexo masculino. As idades estão compreendidas os 3 e os 23 meses ($M = 9,33$, $DP = 7,21$, [3-24]).

As frequências das variáveis, que caracterizam a amostra, encontram-se na Tabela 1.

¹ Inicialmente a amostra foi composta por 12 pais, contudo 3 desistiram do estudo por incompatibilidades de horário com as aulas do programa de dança GroovaRoo, pelo que não foram considerados no estudo em questão.

Tabela 1

Caracterização da amostra

	N	%
<i>Sexo</i>		
<i>Feminino</i>	0	0
<i>Masculino</i>	9	100
<i>Estado Civil</i>		
<i>Casado/ Co-habitação</i>	9	100
<i>Distrito</i>		
<i>Porto</i>	9	100
<i>Habilitações literárias</i>		
<i>Ensino secundário</i>	2	22.22
<i>Ensino superior (nível 6)</i>	3	33.33
<i>Ensino superior (nível 7)</i>	4	44.44
<i>Situação profissional</i>		
<i>Empregado</i>	8	88.88
<i>Reformado</i>	1	11.11
<i>Agregado familiar</i>		
<i>Família directa</i>	8	88.88
<i>Família directa e alargada</i>	1	11.11
<i>Sexo bebé</i>		
<i>Feminino</i>	8	88.88
<i>Masculino</i>	1	11.11

3.3 Instrumentos de recolha de dados

Relativamente aos instrumentos, foram administrados 3 instrumentos: o questionário sociodemográfico, entrevistas semiestruturadas (Patton, 2002) – a fim de avaliar as perceções subjetivas dos participantes e a escala MINDS (Fuertes et al., 2014), a adaptação portuguesa das escalas CARE-Index (Crittenden, 2003) que permite avaliar a qualidade da interação cuidador-filho numa situação de jogo livre.

3.3.1. Questionário Sociodemográfico

Foi aplicado um questionário sociodemográfico com o objetivo de recolher informações sobre o género, idade, ano de escolaridade, estado civil, nacionalidade, situação habitacional e laboral do progenitor, bem como informação relativa ao bebé (género, idade).

3.3.2. Entrevistas semiestruturadas

Tanto o primeiro objetivo como o terceiro foram operacionalizados com recurso à recolha de informação qualitativa através de entrevistas semiestruturada.

O recurso a este instrumento de recolha de informação, apresentou-se como o mais adequado, visto que a estrutura flexível do guião permitiu que fosse possível aceder ao ponto de vista dos pais sem que houvesse categorias redutoras que estivessem a limitar os seus pontos de vista (Patton, 2002).

A estrutura da entrevista pressupõe a elaboração de um guião, concebido para enquadrar as questões mais relevantes do tema a ser estudado, mas sem que o mesmo tenha uma estrutura rígida, permitindo a cada entrevistado a reflexão e partilha das suas opiniões, perceções e crenças., sem que as mesmas sejam condicionadas (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Relativamente ao primeiro objectivo, a entrevista procura analisar as perceções dos participantes em relação ao entendimento e vivência da paternidade (cf. Guião da entrevista em ANEXO 1).

Para o segundo objetivo, foi conduzida uma entrevista semiestruturada tendo em vista analisar a percepção dos pais sobre o impacto da sua participação no programa de intervenção com dança. (cf. Guião da entrevista em ANEXO 2).

3.3.3. Escala MINDS

Relativamente ao segundo objetivo [que implicou a participação dos pais com os seus bebés nas aulas *GroovaRoo Dance* durante um período de 3 meses²], cada díade foi observada em jogo livre antes de começar o programa de dança e aquando do seu término. Cada interação foi analisada com recurso à MINDS (Fuertes et al. 2014), a adaptação portuguesa das escalas CARE-Index (Crittenden, 2003).

Tal escala permite avaliar a qualidade da interação cuidador-filho numa situação de jogo livre. Cada díade foi filmada aproximadamente durante 3 minutos em situação de jogo livre. Foi pedido aos pais que brincassem com os seus bebés de forma espontânea e o mais naturalmente possível conforme fazem em casa. No espaço (bem iluminado e silencioso), foram colocados um tapete e um conjunto standard de brinquedos que os pais poderiam usar livremente conforme desejassem (Crittenden, 2003).

Recorrendo à MINDS, foram avaliados 7 aspetos do comportamento diádico: reposta facial, resposta vocal, trocas afetivas, posicionamento e manipulação, diretividade, atividade lúdica e reciprocidade, sendo a análise do comportamento realizada atendendo ao funcionamento diádico entre ambos (adulto e bebé) (Fuertes et. al, 2011).

Por funcionamento diádico entende-se que *“Overall, according to a transactional process, caregivers' responses are guided by infants' cues (e.g., social gaze, smiles, gestures, or vocalizations). Conversely, infants' states are affected by the emotional displays of their caregivers (e.g., smiles, laughter, exaggerated expressions). From this perspective, the quality of interaction and infant regulatory behavior are determined by each participant's ability to regulate emotional states, express communicative messages, and respond to the partner's affective communications”* (Tronick & Beeghly, 2011 citado por Fuertes et al. 2022, p.6).

² Para informação mais detalhada relativamente ao GroovaRoo Dance, ver o ponto 3.3.4 com a descrição em pormenor da operacionalização do programa.

3.3.4. GroovaRoo Dance

Como referido no estado de arte, a proposta interventiva do GroovaRoo Dance destina-se a cuidadores com bebés até 2 anos de idade (Groovaroo, s/d).

Foram realizadas aulas de dança com uma periodicidade semanal (sábados de manhã) no decorrer de 3 meses, resultando em 12 encontros no total.

O grande objetivo do GroovaRoo é a promoção da conexão entre adulto e bebé, por meio de coreografias de dança pensadas para que o mesmo aconteça. Assim sendo, cada aula (com a duração aproximada de 45 minutos) apresenta sempre a mesma estrutura: música de aquecimento; duas coreografias principais e música de arrefecimento.

Os pais chegam com os bebés e após um período inicial de boas-vindas, interação informal entre o grupo e posicionamento do bebé no porta-bebés de frente para o pai³, dá-se início à aula de dança.

A tabela seguinte apresenta o compilado das músicas utilizadas no decorrer do programa. Tanto o aquecimento como o arrefecimento são feitos sempre com a mesma música. As duas coreografias principais vão variando consoante o evoluir das aulas: na primeira aula foram introduzidas duas coreografias, que foram repetidas nas sessões seguintes, após o primeiro mês de aulas, outras duas coreografias foram introduzidas, no mês seguinte, de modo que começasse a existir maior alternância das coreografias nas últimas semanas de aulas.

³ O posicionamento do bebé de frente para o adulto é propositado, de modo que o coração do bebé fique próximo do peito do cuidador, lembrando que a conexão é para ser feita de “coração para coração” podendo ocorrer trocas visuais, auditivas e toque de forma o mais fluída possível.

Tabela 2

Propostas musicais para o programa GroovaRoo Dance (12 semanas)

Música aquecimento

“Let’s stay together”- Seal

Coreografias principais

“Groovaroo”- Eddie Watkins Jr

“A Vida é Boa com Você”- Bryan Behr

“Fly”- Sugar Ray

“10.000 Hours”- Dan+Shay, Justin Bieber

Música arrefecimento

“Three Little Birds”- Bob Marley & The Wailers

As músicas escolhidas para as coreografias são intencionais. Todo o repertório convida ao movimento, havendo a intencionalidade de que os passos de dança propostos combinem momentos de comunicação não verbal como contacto visual e toque (beijinho, abraço, segurar na mão do bebé, olhar no olho) com a comunicação verbal do pai para o bebé (por ex: na música de arrefecimento é incentivado a que os pais cantem para o bebé- “don’t worry about a thing, ‘cause every little thing it’s gonna be alright”, foi usada uma música em português- “ A Vida é Boa com Você” numa das coreografias para que a própria letra da música convidasse também à valorização da relação: “por um instante minha vida se fez mais bonita quando você chegou”/ “eu só vim para dizer “a vida é boa com você”).

No final de cada coreografia, existe sempre um momento de respiração intencional: é pedido aos pais que inspirem elevando os braços, e ao soltarem o ar abracem o bebé. O procedimento é repetido duas a quatro vezes.

3.4 Procedimento e Questões Éticas

A amostra para este estudo foi recolhida através de um formulário online, criado no Google Forms. Este formulário continha o questionário sociodemográfico. Após o preenchimento on-line, foram marcados encontros individuais com cada pai na escola de dança⁴ onde todo o projecto decorreu. Foi conduzida a primeira entrevista semiestruturada bem como a gravação da interação em jogo livre “pré-programa de dança”. Esta recolha de dados inicial decorreu de dezembro a janeiro.

A participação do programa de dança decorreu de fevereiro a abril, aos sábados de manhã, das 11h às 12h, na escola Love2Dance.

De maio a junho decorreu a segunda fase de recolha de dados. Foram marcados, novamente, encontros individuais com cada pai. Foi conduzida a segunda entrevista semiestruturada bem como a gravação da interação em jogo livre “pós-programa de dança”. decorreu análise dos resultados obtidos e a discussão dos mesmos.

De junho a outubro decorreu a análise dos resultados obtidos e a discussão dos mesmos. Sendo garantido os princípios de confidencialidade e anonimato.

Relativamente às questões éticas, no primeiro contacto realizado com os pais, a par do link para preenchimento do questionário sociodemográfico foi também disponibilizado o consentimento informado estudo (cf. Consentimento Informado em ANEXO 3) e todas as informações sobre o estudo (e.g participação voluntária, utilização dos dados para fins académicos, possibilidade de desistência) (cf. Informação à Família em ANEXO 4). A divulgação do estudo foi feita por meio das redes sociais (grupos whatsapp) e meios de comunicação (mensagens e correio eletrónico).

3.5 Plano analítico

Sendo o estudo composto por objetivos com instrumentos de análise distintos o tratamento de dados deu-se das seguintes formas: Para o primeiro e terceiro objetivos, realizou-se um estudo qualitativo e para o segundo objectivo, um estudo quantitativo.

⁴ Escola de Dança Love2Dance, localizada na Rua de Serpa Pinto- Porto.

Tanto o primeiro objetivo como o terceiro, contaram com análise qualitativa descritiva de modo que fosse possível analisar o discurso dos pais através de elementos relevantes e espontâneos (Bogdon & Biklen, 1994).

Partindo das entrevistas semiestruturadas, os resultados foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo, que resulta de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, realizada através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo contido nas mensagens de cada entrevista (Bardin, 2009).

A análise de conteúdo das entrevistas foi conduzida em 3 etapas: pré-análise; exploração do material e categorização (Bardin, 2009). Nesse sentido, primeiramente procedeu-se à transcrição das entrevistas. Após a sua transcrição, fez-se a exploração do material a fim de identificar quais os indicadores subordinados às temáticas de cada entrevista. De seguida os elementos identificados em cada narrativa (de acordo com as similaridades e diferenças) foram agrupados em categorias e subcategorias associadas a cada tema analisado. Procedeu-se, ainda, à enumeração das distintas categorias e subcategorias através da contagem da frequência presente em cada unidade de registo (Cohen, Manion & Morrison, 2007).

Para a primeira entrevista (referente ao primeiro objetivo) surgiram três temas: *Funções do pai*; *Impactos da paternidade* e *Condições facilitadoras e dificultadoras do envolvimento paterno*. Na segunda entrevista (referente ao terceiro objetivo), surgiu um único tema: *Impacto GroovaRoo*. (cf. Tabelas Análise de Conteúdo em ANEXO 5). Os resultados foram organizados em esquemas árvore, de acordo com cada tema.

Para o segundo objetivo, recorreu-se à análise quantitativa dos dados recolhidos. Os dados referentes ao questionário sociodemográfico foram exportados do Google Forms para o Excel onde posteriormente foram incluídas as pontuações obtidas através da MINDS para cada díade (pai e bebé) referentemente à observação das interações em jogo livre que haviam sido feitas. A compilação dos dados foi transportada para a base de dados. O software utilizado foi software IBM SPSS Statistics versão 27.

A fim de observar o impacto do programa de dança no nível de risco na interação de cada díade, recorreu-se ao Teste-T com amostras emparelhadas. Foi assumido um valor de significância inferior a .05 como resultado significativo. Tanto a análise qualitativa como a quantitativa serão descritas no capítulo a seguir.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

| | ' ' | | ' ' |

4.1 Objetivo 1: Estudo qualitativo- Percepção Paterna sobre o Envolvimento Paterno

Partindo das entrevistas realizadas aos 9 pais participantes do estudo, foi possível agrupar respostas dadas pelos mesmos em três temas distintos. Assim sendo, os esquemas abaixo apresentados dão conta das percepções paternas quanto às *Funções do pai* (fig. 1), os *Impactos* (fig. 2) que tal papel tem na vida dos pais e quais as *condições facilitadoras/dificultadoras* (fig.3) no exercício da paternidade.

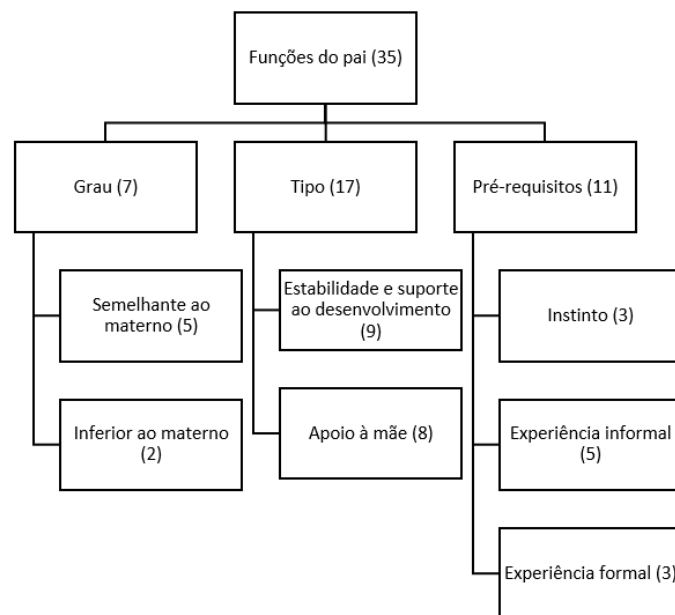


Fig.1 “Esquema em Árvore- “Funções do pai”

Relativamente à percepção paterna quanto às *funções do pai*, distinguem-se 3 subcategorias: o *grau* de importância que o pai tem na vida do bebê, o *tipo* de influência que o seu envolvimento tem para o bebê e os *pré-requisitos* que influenciaram a forma como se têm apropriado deste papel.

No que diz respeito ao grau de importância que o pai tem para a vida do bebê, mais de metade (5/9) dos pais entende que tem um grau de importância semelhante ao materno: “O papel do pai é... Sei lá, é como o papel da mãe” (P1; “E eu acho que é um papel tão importante como o da mãe. Acho que ambos, se dão quase como em igualdade.” (P3).

Para estes pais o assumir da responsabilidade de cuidar do bebê é inerente à sua condição de pai, assim como se encontra inerente ao papel materno, pelo que não existe distinção entre pai e mãe, no que diz respeito ao disponibilizar cuidados ao bebê: *“Pois, acho que não vejo muita diferença do papel do pai e da mãe (...) na nossa família acho que somos muito igualitários. (...) Vejo tanto o pai como a mãe com um papel muito semelhante e é estar para o nosso filho em todos os momentos.”* (P7); *“Eu não acho que tenha um papel específico assim que é só do pai ou só da mãe, também”* (P8); *“Eu, na minha perspectiva, eu acho que acaba por ser um papel muito parecido ao da mãe.”* (P9)

Já uma pequena amostra (2/9) deu a entender que embora considerem que o pai detém um papel importante, este se apresenta num grau de impacto inferior em comparação ao materno *“Eu acho assim, eu não sei se é errado pensar, mas eu acredito que acaba que o papel da mãe, na minha opinião, o papel da mãe eu acredito que ele é mais importante”* (P4). Pelo menos, tendo em conta os primeiros meses de vida do bebê: *“Assim, nessa primeira fase, eu pelo menos, entendo que a criança deve ter uma boa alimentação, né? Amor, carinho, né? E pronto, a questão da sobrevivência, nos primeiros tempos, tem um impacto muito mais forte com a mãe.”* (P6)

Quanto ao tipo de impacto que o pai tem para o bebê, foi feita referência à importância do pai em dois sentidos: o impacto que este detém no desenvolvimento do bebê e a fonte de apoio que auferir à figura materna, importante para que esta não se sinta sobrecarregada.

Todos os pais (9/9) referiram ter um papel importante no que diz respeito à estabilidade e suporte do desenvolvimento do bebê, por ser uma figura distinta da mãe. Nesse sentido, os pais entendem que traz maior benefício ao bem-estar físico e psicológico da criança a presença de ambos os progenitores: *“Acho que é importante porque torna-se uma criança mais feliz, vivendo também com o pai e com a mãe, acho que para a felicidade da criança, é bom, para o desenvolvimento, para o crescimento dela, acho que é saudável.”* (P3); *“A criança necessita da figura paterna para ela conseguir desenvolver plenamente as suas intelectualidades e habilidades. Ela precisa dos dois lados, de ter os dois lados para poder se desenvolver de forma adequada e feliz, né?”* (P5).

Segundo os mesmos, o facto de estarem envolvidos com o bebé, traz contributos particulares ao seu desenvolvimento. Existe, portanto, o entendimento de que a sua presença na vida do bebé não se apresenta como um substituto à presença e influência materna, mas sim como um contributo distinto que favorece o desenvolvimento favorável e integral do bebé: *“acho que é importante e também trazer uma dinâmica diferente, eu brinco com ela de maneira diferente da mãe, e interajo com ela de maneira diferente e pronto, ela também tem as suas maneiras de reagir a nós. (...) acho que é muito importante, sim. Até para o crescimento dela, acho que é mais tranquila, é mais mimada.”* (P1); *“certamente o pai e a mãe têm experiências diferentes de vida, não é? Então suponho que ter duas experiências de vida é melhor do que ter só uma. (...) Mas às vezes penso que tradicionalmente há um lado mais masculino que tem certas, pode ter certas visões diferentes do lado mais feminino, então, ter os dois... ter o equilíbrio entre as duas partes acho que pode ser bom.”* (P7); *“é importante porque cria, no futuro, uma pessoa, no seu todo, mais bem preparada para a vida”* (P9).

Cerca de metade dos pais (4/9) pais referiu que a sua presença contribui para o desenvolvimento socio emocional do bebé, instigando o bebé à descoberta do mundo e de si próprio: *“É importante no sentido de apoiar o processo, mesmo de desvinculação da própria mãe e eu acho que o pai entra como uma peça chave (...) para que o bebé tenha alguém que não o alimenta e que, a princípio ele não vê como uma parte dele, então acho que é importante, para estabelecer esse vínculo com outras pessoas o pai ajuda, é uma peça chave.”* (P2); *“E também como dizem que o bebé reage com cada pessoa diferente, então eu acho que é muito positivo ter contacto com outras pessoas para descobrir novas coisas, novas sensações, novos jeitos de ser”* (P8). Existe a conceção de que o papel paterno se traduzirá, a longo prazo, numa figura de referência e fonte de conselhos: *“O pai, ele tem mesmo que, o papel dele é muito importante no desenvolvimento como um exemplo, sabe? Então assim, através de brincadeiras, de tomar decisões, eu acho que vai mais por esse lado. A conversar com o filho, a tomar decisões certas, o que seria bom o que não seria bom.”* (P4); *“E sim, acredito que é imprescindível a figura do pai. Claro que a nível de sobrevivência, uma criança consegue viver, assim como eu também consegui. Mas eu acredito que é muito importante, sem dúvida, a figura do pai. (...) A figura do pai tem esse lado mais protetivo, não só físico*

como psicológico e de certa maneira espiritual. O pai está ali para oferecer auxílio e liderança, para guiar a família.” (P6);

Relativamente à importância atribuída ao papel paterno enquanto fonte de apoio à figura materna, quase todos os pais (8/9) referiam que o seu papel também é importante para que haja uma divisão das tarefas referentes ao cuidado do bebé: *“para o trabalho ser dividido. Não pode ser só do pai, nem da mãe, tem que haver divisão de tarefas. Alguns dias, quando está um de nós mais ocupado tem que ser o outro a assumir mais as tarefas e vice-versa.” (P1); “Dou muita importância, partindo do princípio que o pai complementa e auxilia a mãe (...) para a mãe eu acho que é importante no sentido de apoio nas inúmeras tarefas.” (P2) e a possibilidade de oferecer maior diversidade de estimulação ao bebé: “(...) Porque além de ajudar a mãe no, enfim, na criação, na estimulação do bebé” (P8).*

Desse modo os pais atuam como um apoio da mãe: *“É um pilar fundamental juntamente com a mãe, que ajuda. A mãe tem um papel fundamental, o pai também, porque é o apoio da mãe.” (P3) procurando aliviar ou evitar que a mesma se sinta sobrecarregada: “Então, eu acredito sim, que no desenvolvimento o pai tem que estar perto, tem que estar próximo se não acaba ficando a mãe sobrecarregada.” (P4); “a criança precisa de muita atenção, então você tem que estar mesmo junto, auxiliando a mãe, porque a mãe sozinha... é muita coisa para uma mãe sozinha, né? (P5).*

2 dos 8 pais destacaram, ainda, o facto de o apoio prestado ter impacto no bem-estar da mãe e como consequência do mesmo, impacto no bebé também: *“Ajudando a brincar e também, ou seja, sem ser na interação com a criança diretamente, com as outras coisas da casa, enquanto a mãe está amamentando, fazendo o almoço, cuidando da casa... coisas assim que fortaleçam a criança no todo.” (P6); “Então, isso faz parte do papel, estar disponível, oferecer o que for preciso para coordenar e dividir as tarefas da melhor maneira (...) colaborando sempre com a mãe e trabalhando em conjunto ajuda também a que o tempo que a filha, a criança passa com a mãe também seja de maior qualidade a mãe acaba por estar menos cansada do que se tiver de fazer tudo, então acho que isso também ajuda;” (P9).*

No que diz respeito aos pré-requisitos implicados no assumir da paternidade, para uma pequena parte dos pais (3/9) o assumir da função deu-se de uma forma instintiva:

“No meu caso, eu estou a descobrir, né? Porque eu não tive esse vínculo [com o meu pai] (...) Mas acredito que será o mais natural [riso], pra mim, né? Nós temos condições de, vamos dizer assim, de “depressão e temperaturas” normais, então, meio que, a criação de um vínculo, ela surge naturalmente.” (P6); “cheguei a uma altura em que disse “não, depois na altura vai ser espontâneo”. A gente na altura quando estiver a viver a situação, vai se saber adaptar (...) Mas foi mais no dia-a-dia que fui aprendendo.” (P3); “Pois, não sei... Acho que é um bocado... Não sei, acho que talvez eu siga o meu instinto, não sei se foi assim muito refletido...” (P7).

Já para uma amostra mais alargada de pais, (5/9) a aprendizagem informal, fruto da reflexão em torno das suas experiências de vida teve influência na forma como se têm apropriado do seu papel.

Dentro do grupo que referiu basear-se nas experiências de vida, destacam-se duas realidades: aqueles (2/5) cuja experiência de vida se pautou pela presença e envolvimento paterno e que se baseiam no exemplo deixado pelos pais, procurando atuar em conformidade às suas experiências de origem: *“confesso que é assim, não sou muito aprofundado nas teorias da parentalidade, mas muito vem de experiência, da própria experiência familiar.” (P2); “(...) felizmente tenho esse vínculo com os meus pais e reconheço a importância do papel deles ao longo da minha vida e sem esse vínculo passa a ser uma questão, se calhar, mais material, só de ajudar a sobreviver, em vez de ajudar a, se calhar, viver e a formar.” (P9).* E aqueles (3/5) cuja experiência de vida se pautou pela ausência paterna. Nesses casos, foi a ausência de referência e o reconhecimento de que a mesma faz diferença na vida dos filhos, que direcionou estes pais ao compromisso de estarem presentes e disponíveis para atender às necessidades dos seus filhos: *“eu tenho uma irmã e ela cresceu sem o auxílio do meu pai, então eu levo isso como um exemplo pra mim, do que eu não quero passar para a minha filha. Eu quero que até mais velha, ela se abra pra mim, converse comigo...” (P4); “Uma criança consegue viver sem o pai, mas é imprescindível no sentido em que... Eu por exemplo, cresci sem pai, então eu posso falar no caso, em que é a minha percepção que tenho. No caso, eu cresci com pai, tive pai, mas sem pai [riso], então, eu vejo dos meus traumas, nas minhas dificuldades agora em adulto, são sempre situações que ocorreram pela falta do pai. Então, eu consigo ver na minha experiência a importância do pai.” (P6); “eu por exemplo, não tive, porque o meu*

pai faleceu quando eu tinha 5 anos e então, enfim, minha mãe depois casou de novo, mas depois de alguns anos. Então, muitas coisas eu acabei descobrindo não em casa, mas.... Enfim, é mais pelo exemplo e pela relação que eu vejo que é importante.” (P8).

Também para uma pequena amostra de pais (3/9) a forma como vivem o seu papel resulta, em certa medida, da busca por experiência formal através de cursos e leitura sobre parentalidade e cuidado de recém-nascidos: *“nesse sentido, a leitura, o estudo... Há várias coisas, oportunidades que a gente teve de receber conteúdo, de participar de algumas atividades (...) Nós temos alguma literatura também, de apoio. (..) a [nome da esposa] tem alguns materiais também que também a gente faz algumas visitas para a gente ir tentando tirar algumas dúvidas. Acho que é mais isso assim, vez ou outra já aconteceu de ir buscar algum artigo na internet.” (P2); “Uh, pelo aquilo que eu já li... não sei, há muito tempo, li muita coisa de que ser muito importante ter, pelo menos uma pessoa, tenho essa percepção.” (P7); “estamos um pouco dentro desses assuntos da maternidade e paternidade (...) fizemos um curso de preparação na gimnográvida-UTERUS” (P9).*

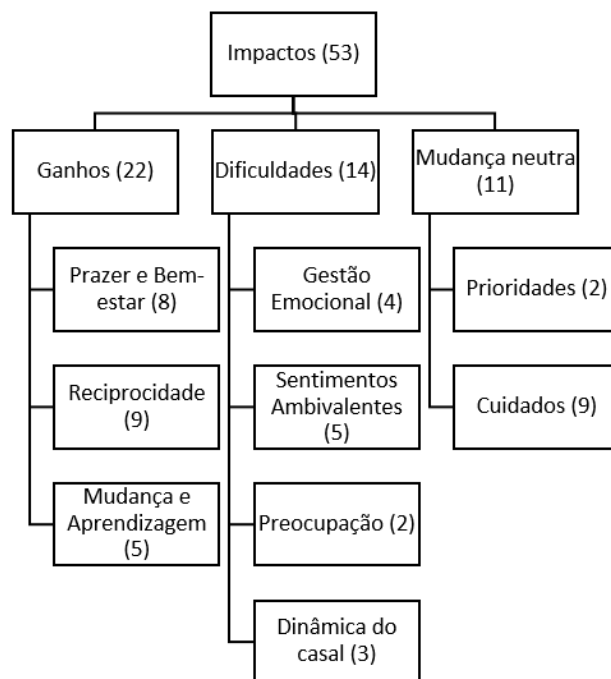


Fig.2 “Esquema em Árvore- impactos”

Relativamente à percepção paterna quanto ao impacto da paternidade na vida dos mesmos, distinguem-se 3 subcategorias: *ganhos*, *dificuldades* e *mudança neutra*.

Em relação aos *ganhos*, a maioria dos pais (8/9) associou a paternidade a uma experiência caracterizada pelo prazer, bem-estar e afeto: “*ser pai é [pausa reflexiva] é muito bom! (riso) gosto muito. (...) Traz muita paz, é muito divertido (...)*” (P1); “*Começa o dia bem-humorada, com boa disposição e, para mim, é um ponto marcante do dia, sim.*” (P2); “*mas é uma experiência muito boa, saber que temos um pedaço de nós para ajudar a cuidar.*” (P3); “*Ah, é a ternura, orgulho, paixão, amor, carinho, cuidado, só coisas boas. (...) Não é só gratificante, é muito mais gratificante. Uma experiência assim fantástica a de ser pai.*” (P5); “*Mas, está sendo muito bom (...) é gratificante, é diferente, porque é único.*” (P6); “*É ótimo (...) tem sido muito bom ver a evolução dele. Sim, o afeto, o vínculo... sim, é muito bom.*” (P7); “*é maravilhoso (...) Poder, também, ter uma relação afetiva com os filhos é também muito bom*” (P8); “*Ser pai é a melhor coisa do mundo! [riso] Ser pai... ser pai é... ser pai é muita coisa. Acho que ser pai é uma oportunidade de acompanhar por perto o ... Às vezes custa-me dizer “milagre” porque este fenómeno... é mais até do que... É uma questão da natureza em ação. E o incrível que é a vida como fenómeno natural e biológico e perceber do nada ou quase nada, nasce e cresce um ser e pronto, essa parte que eu sendo um engenheiro e das ciências, é uma coisa que me fascina completamente e, é presenciar isso de perto.*” (P9).

Um aspeto valorizado por todos (9/9) os pais, que marca positivamente a experiência da paternidade é o experienciar de momentos de reciprocidade com o bebé: “*Ela já reage quando me vê, já sorri, procura.*” (P1); “*Se ela está acordada e está ali e interage conosco, ainda de forma muito simples, mas há interação, pronto, a gente está satisfeito, é sinal de que as coisas estão bem*” (P2); “*(...) porque a cada dia ela também desenvolve uma nova habilidade. Até na fala, nas brincadeiras e isso também nos motiva a continuar e prosseguir*” (P3); “[*entrevistadora: Quais são os momentos que mais valoriza?*] R: *Dar banho (...) a gente tem o momento da bagunça (...) E ela fica louca jogando água para fora, ela gosta muito e eu também gosto. Então, com toda a certeza, o banho. O banho é o que eu mais gosto de fazer com ela.*” (P4); “*A rotina é de trocar fraldas, amamentar... Mas nesses intervalos a gente consegue, já, ter uma interação,*

brincadeiras e conversas... cantar, colocar uma música, a gente cantar e interagir com ela. Mesmo ela tendo quase quatro meses ela já compreende muitas coisas.” (P5); “E é mesmo bonito assim, ela me vê, vem assim meio que correndo do jeito dela, me abraçar, do tipo “ah, está bom”, ficar um pouquinho no meu colo.” (P8).

Tais momentos foram especificamente identificados como os favoritos e mais significativos para alguns dos pais (3/9): *“O momento favorito é, uma coisa que ela ainda não tem muito, quando ela fica mais amorosa e me dá um abraço, e os beijos e assim, quando estamos a brincar. São os momentos mais gratificantes. Quando ela está bem, é dos momentos melhores que temos. (P3); “(...) porque ela está ali, nessa idade os bebês não mentem [riso]. Tem aquele brilho nos olhos, ela fica ali estupefacta, com o olhar dela, com a interação que ela faz, com as expressões que ela demonstra, então sim, são esses momentos em que a pessoa está ali, fazendo a rotina e, de vez em quando... de vez em quando não, ela vai demonstrando o carinho e o próprio desenvolvimento conosco. São esses momentos.” (P6); “Porque dar a comidinha, não é divertido, é vamos dizer assim, uma obrigação. E também, porque são esses momentos de brincadeira, ela também é muito carinhosa, são nesses momentos de brincadeira que ela abraça, dá beijo, dá as risadas dela.” (P8)*

É também possível identificar o quanto a reciprocidade é valorizada pelos pais, não apenas pelas referências a momentos nesse sentido, como pelo salientar, de alguns pais (2/9), de como inicialmente havia menos feedback do bebê e agora a interação está muito mais evidente: *“Eu gosto muito de brincar. Eu agora estou a ver a mãe a brincar com ele e queria estar lá. Gosto muito quando ele fica a dar gargalhadas, assim mais eufórico. Eu gosto tanto, é bom (...) acho que no início isso acontecia menos porque ele não interagia tanto, ou seja, simplesmente acontecia menos” (P7); “era a falta de feedback. Ela na altura não exteriorizava nada e agora já começa e isso é espectacular.” (P9).*

Ainda no domínio do impacto positivo que a paternidade deteve na vida destes pais, destaca-se a experiência de vida singular e aprendizagem que advém de se “ser pai, referida por uma grande parte dos pais (5/9).

O impacto é marcado tanto pelo facto de a paternidade ser um acontecimento de vida único: *“acho que é o acontecimento que mais nos muda na vida. Mais do que casar, mais do que viver fora do país, mais do que tudo o resto... Acho que é, pelo menos para mim.*

Acho que é uma experiência muito diferente, mudou muito a minha vida e, sei lá...” (P1); “É assim, antes eu só via os outros e tinha mais ou menos uma ideia de que fosse assim, só que vivendo, vivenciando é diferente. É muito mais difícil. Ao mesmo tempo difícil e bom. Uma coisa é os filhos dos outros, outra coisa é os nossos (...) uma pessoa de fora não tem a mesma percepção do que quando somos nós.”; “É assim, é uma experiência nova (...) um amor diferente, só quem vive isso é que consegue distinguir, mas é uma experiência muito boa, saber que temos um pedaço de nós para ajudar a cuidar... É uma experiência única, mas é muito grande.” (P3), como pela mudança que gerada nas suas percepções relativas ao exercício da paternidade: “(...) a percepção de paternidade enquanto ela estava na barriga era uma, a percepção com ela nascida, realmente é outra e é um processo que o bebê, ele vai mudando muito. A gente tem 3 meses e já foram muitas mudanças notadas. E eu percebo que isso.. eu também tenho de mudar nesse processo, de perceber como dar resposta às necessidades, então isso vai-me mudando também (...) Ser pai é um processo. É um processo e eu me considero em desenvolvimento.” (P2); “Eu tenho mudado bastante o meu jeito de pensar, entendeu? Dantes eu tinha a mente muito fechada (...)” (P4); “então eu aprendi que quando um pai fala alguma coisa, eu não posso dizer “não, eu nunca vou fazer”, que pode ser que eu faça.” (P8).

No tocante a dificuldades, sobressaíram quatro subcategorias.

Para quase metade do grupo (4/9), a paternidade tem implicado uma maior gestão emocional por parte dos pais, com estes a verem-se desafiados no que diz respeito à gestão do stress e frustração que advém de cuidar do bebé: “Então, assim, a cada dia que passa eu venho aprendendo e quando eu erro (...) Então, não está sendo fácil, mas está sendo um aprendizado gigantesco, sabe? De tipo, sempre errar e sempre tentar melhorar tudo. (...) E o pai, realmente ele tem que amar muito, porque cê junta cansaço de trabalho, com o facto de que realmente a gente não é tão sensível quanto a mãe, em saber que “poxa, ela está chorando porque ela está doente”, entendeu? Às vezes o pai fica de cabeça quente. Então, às vezes quando dá as crises de choro dela, às vezes eu fico stressado e logo eu já penso “não, pera lá, ela não está chorando à toa” então eu não posso simplesmente ficar stressado e tal.” (P4); “Ter calma, tentar entender que é um bebé, que não tem o raciocínio que as pessoas têm e basicamente tem de se ter muita

calma, paciência e ter sempre essa esperança de que haverá dias melhores (...) Mas o principal é a gente ter calma e sabedoria e não se precipitar, nem ser... Nem perder a cabeça (...)"(P3); "Porque ela chora, tem que acordar, tem que ter muito autocontrole, paciência, para manejar aquelas situações em que ela começa a chorar desesperadamente e pronto, a pessoa tem que fazer alguma coisa rápido e a pessoa fica com aquele stress, então é gerir esse stress, é mais aí a dificuldade, porque depois o resto acabamos por conseguir contornar." (P6)

Um dos pais (1/4) reconheceu, inclusive, que a maturidade advinda da experiência de paternidade já mais tardia e da experiência informal com outros bebês, tem atuado como facilitador na gestão do stress que por vezes o bebê provoca: *"Felizmente, acho que aí também, o facto de sermos mais velhos, nos dá maior maturidade e porque também acompanhamos mais bebês à distância, primos, sobrinhos, filhos de amigos, então também nos dá um bocadinho mais de, felizmente, calma. Porque às vezes, acho que também acho que nos ajudou a racionalizar um bocadinho mais as coisas. Quando há um choro mais chato." (P9)*

Também foi possível denotar que a vivência da paternidade abarca dificuldades, pelo expressar de sentimentos ambivalentes associados à experiência. Embora todos os pais, tenham feito referência à sensação de bem-estar e alegria que a paternidade lhes confere, também houve uma grande parte do grupo (5/9) que destacou o quão desafiante a experiência também o é: *"É exigente. A [nome da bebé] é uma bebé saudável, mas que tem os seus desafios e é um processo de aprendizagem para mim e para a mãe." (P2); "Ao mesmo tempo, é um pouco duro, cansativo, mas é muito bom. (...) Duro, difícil, tem fases que é difícil, mas tudo se consegue, com calma." (P3); "Oh, não tem sido fácil. (...) Então, não está sendo fácil mas está sendo um aprendizado gigantesco, sabe?" (P4); "Apesar das dificuldades e da própria demanda do dia a dia, do cansaço e tal, é uma delícia, é uma maravilha." (P6); "Olha, isso é um trabalho complicado [riso] (...) Então, como tinha uma parte muito boa e uma parte muito ruim, eu e a mãe dela decidimos que vamos dividir, cada um faz uma coisa." (P8)*

Para um número reduzido de pais (2/9) a vivência da paternidade tem implicado um estado emocional de maior alerta, pois existe essa preocupação recorrente de que esteja tudo bem com a saúde e bem-estar do bebê: *"Então, se ela está dormindo e dormindo*

bem, ela.. estamos felizes. Isso é bom sinal. Se ela está acordada, e está acordada sem demonstrar incômodos... Se ela está acordada e está ali e interage conosco, ainda de forma muito simples, mas há interação, pronto, a gente está satisfeito, é sinal de que as coisas estão bem.” (P2); “A preocupação com essas doenças que são comuns em criança, mas que a gente fica preocupada na mesma. (...) graças a Deus que até hoje foram pequenos [os problemas de saúde], mas que a gente se preocupa na mesma. Não tem como você desligar disso, então é isso. Acho que é por aí.” (P5).

Por fim, também foi referido por uma pequena amostra (3/9), o impacto que a vida do bebê tem na gestão das dinâmicas do casal e de todos os esforços que estão implicados em assegurar que a vida a dois também seja priorizada: *“Uh, portanto, a nível de dificuldades, é essas logísticas e naturalmente temos de fazer algum esforço para também enquanto casal mantermos as nossas dinâmicas (...) normalmente há a tendência de deixar de se fazer e, portanto, é preciso a pessoa não perder esse hábito e pronto, e continuar a esforçar para continuarmos a ter uma relação a dois e sobretudo nos primeiros meses de vida costuma ser complicado.” (P1); “Para já, dificuldade... Não sinto, no sentido de... Como hei de explicar.... É mais nessa questão de rotina, de relacionamento com a esposa que é, talvez, mais difícil.” (P6); “Acho que, se calhar, o desafio acabou por ser mais o desafio do dia-a-dia, de estar a garantir que nós conseguimos... porque uma coisa que nós também queremos manter muito é não deixar de existir porque ela existe (...)Mas tentar manter um bocadinho essa individualidade, que é um bocadinho desafiador, mas não nos esquecermos que é muito bom estarmos com ela, mas que também é muito bom, para ela, os pais, acho eu, não se centrarem só nela” (P9)*

Foram ainda referidos aspetos da vida dos pais que alteraram com a vinda do bebê e que podem ser entendidos como uma *mudança neutra*, ao estarem implicados no próprio processo de paternidade e na reestruturação de vida que o papel desencadeia.

Nesse sentido, uma pequena amostra de pais (2/9) referiu a alteração de prioridades a que ficou sujeito, pois ser pai é um assumir de responsabilidade a tempo inteiro: *“Mudou um bocado as minhas prioridades, começamos a priorizar um bocado mais a estabilidade e a segurança.” (P1); “traz outra responsabilidade também... E é por um lado, um bocadinho esse peso. Porque não há dia “off”, esta rapariga... Não pode ser*

“hoje não me apetece”, é para sempre! [dirigindo-se para a bebé: Não é?] E isso, também faz parte.” (P9).

Um aspeto mencionado por todos os pais (9/9), que está implícito na vivência da paternidade é o assumir dos cuidados com o bebé. Assim sendo, estar envolvido nas rotinas do bebé é algo que os pais passaram a integrar nas suas rotinas com naturalidade: *“venho almoçar a casa, ela senta-se numa cadeirinha ao nosso lado, na mesa e almoçamos. Interagimos um bocadinho com ele enquanto almoçamos e a seguir fico sempre um bocadinho com ela cerca de 15 minutinhos com ela no sofá”;* *“Ela toma banho e eu fico a segurar nela a [nome da esposa] põe os produtos e pronto, depois o último leitinho e adormecer é com a mãe” (P1);* *“a trocar uma fralda, a resolver um engasgo, dar banho... São tarefas que, algumas dessas foram de exclusividade minha.” (P2);* *“Então, eu ajudo um pouco em tudo (...) Mas basicamente as rotinas, participo em quase tudo: alimentação, fraldas, brincar.... Participo em quase tudo.” (P3);* *“Agora mudar fraldas, sempre que der eu ajudo, mas eu diminuí muito; do banho... Banho eu gosto de dar nela. Uh... E, é, acaba que no mais é isso. Acaba sendo trocar fralda, banho e alimentação.” (P4);* *“A rotina é de trocar fraldas, amamentar...” (P5);* *“Então, quando eu não estou trabalhando, posso... estou auxiliando, tentando acalmar, passeando para lá e para cá, pra ver se ela dorme. Quando ela mama, depois ponho ela pra arrotar... e, depois, naquelas interações. (...)” (P6);* *“Ah, é assim, de manhã, ou eu ou a mãe vamos, se ele estiver a dormir, vamos acordá-lo (...) Uh, depois, sim um de nós veste-o, fazemos uma papa, o pequeno-almoço para ele (...) Sim, depois do jantar, normalmente sou eu que o vou adormecer” (P7);* *“Eu trabalho hoje de casa, então eu ajudo arrumar ela para a creche. Dou o pequeno-almoço, é isso. E depois quando ela volta, a gente. Eu e a mãe dela, juntos damos banho, damos a janta, damos banho... a gente faz uma intercalação de quem vai fazer ela dormir e de quem dá o banho. (...)” (P8);* *“Parece que ajudar não era responsabilidade do pai, mas é. É responsabilidade do pai. Então, isso faz parte do papel, estar disponível, oferecer o que for preciso para coordenar e dividir as tarefas da melhor maneira. Claro que há algumas que não são divisíveis na parte da amamentação e obviamente na gravidez. Mas depois tudo o que seja possível” (P9)*

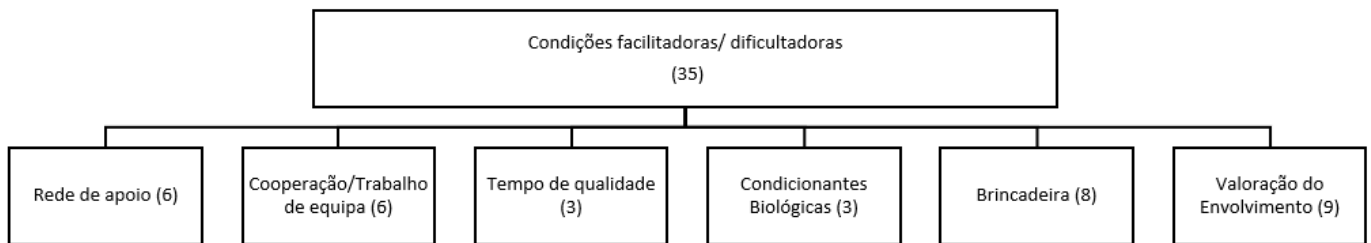


Fig.3 “Esquema em Árvore- Condições facilitadoras e dificultadoras”

Relativamente à percepção paterna quanto às *condições facilitadoras/dificultadoras* no desempenhar do papel paterno, destacaram-se 6 dimensões de impacto significativo (fig.3)

A rede de apoio foi uma das dimensões pontuadas pela maioria dos pais (6/9). A presença de família e amigos bem como a possibilidade de contar com serviços de saúde/escolares, apresentam-se como fatores facilitadores no exercício da parentalidade: “*por acaso o nosso médico, o nosso pediatra foi muito bom nisso. Logo nas primeiras sessões chamou logo a atenção que isso iria acontecer e pronto, aconteceu. Mas temos também muito apoio da família, as avós são muito presentes, sobretudo a família mais do lado da mãe*” (P1); “*Acho o pré-natal, feito aqui em Portugal muito gratificante também, porque eles nos ensinaram muitas coisas, mesmo eu já tendo alguma experiência, já tinha esquecido da maioria, mas aqui o atendimento público, no pré-natal foi fantástico porque nos ensinaram muitas coisas, até para a minha esposa que era mãe de primeira viagem. Então, nos ajudou muito em relação a esses probleminhas de saúde tal.*” (P5); “*Uh, sim. Familiares, os médicos, lemos...*” (P7); “*Às vezes, a gente pergunta quando a gente tem alguma dúvida, porque a gente temos... Praticamente todos os nossos amigos têm filho pequeno agora. (...) Quando a gente tem alguma dúvida, que não é de saúde, que aí é a pediatra que resolve, é para eles que a gente pede.*” (P8); “*Acho que passa por tentar perceber, pedir ajuda ao acompanhamento que temos: levar muitas perguntas para os médicos, ao meu pai, à mãe da [nome da esposa] e ser pacientes.*” (P9).

Para uma pequena parte destes pais (2/6), como a rede de apoio é reduzida, a sensação de sobrecarga acaba por ser maior: *“Oh, não tem sido fácil. Por exemplo, no nosso caso, a gente mora aqui sozinho, né? Eu e minha esposa só, a gente não tem família. A gente acabou não conseguindo creche e a gente acabou ficando bem sobrecarregado com isso.”* (P4); *“nós estamos sozinhos em Portugal, nós os três. Não temos família aqui, então acabe que... é isso. Quando ela fica doente, fica muito tempo em casa...”*; (P8).

Também a cooperação que existe entre o casal, referida pelo mesmo número de pais (6/9), com a partilha das responsabilidades e cuidado ser realizada em parceria com a mãe, apresenta-se como uma condição facilitadora de todo o processo: *“Há tarefas partilhadas porque há situações que não dá que seja só o pai ou a mãe, a gente partilha essas responsabilidades”* (P1); *“O nosso protocolo em casa, sempre envolve os dois e está dividindo essas tarefas (...) Eu estou a aprender agora, mas estou casado com alguém que já tem experiência, às vezes me indica materiais.”* (P2); *“Então, ou a gente se divide ou a gente tá junto fazendo a mesma coisa, brincando com ela juntos, cuidando da saúde dela, fazendo a higiene dela... Então a gente está junto, um auxiliando o outro.”* (P5); *“Nas interações, é assim, uma pessoa está em casa, normal, acorda e pronto, tem aquela rotina: vai mamar, vai trocar a fralda e eu fico ali, nós temos cães, vou passear os cães, volto, faço o almoço. (...) Às vezes, por exemplo, quando a (nome da esposa) sai, pra fazer uma unha ou assim, ela já ficou comigo.”* (P6); *“Então, como tinha uma parte muito boa e uma parte muito ruim, eu e a mãe dela decidimos que vamos dividir, cada um faz uma coisa. E hoje em dia os dois estão bons, vamos dizer assim. Não está tão mal, e a gente continuou intercalando, enfim, para dividir o que cada um faz.”* (P8); *“(...) também, reconhecendo que não podemos estar os dois estourados na mesma medida. Convém que tenhamos oportunidades de nos revezarmos no descanso”* (P9).

No que diz respeito ao *tempo de qualidade*, uma amostra reduzida de pais (3/9), identificou ter algumas restrições no tempo que passa com o bebé. Tanto por motivos profissionais: *“Se for à semana eu tento compensar as minhas faltas à semana, porque trabalho fora de casa. (...) quando eu chego a casa do trabalho, tenho de ir lá quase pedir, arrancar quase a [nome da bebé] dos braços delas, toda a gente quer estar com ela... Para, pronto, para passar tempo com a [nome da bebé”* (P1); *“Como eu falei, antes eu ajudava bem mais. (...) Hoje em dia, como eu estou ainda acostumando com*

essa rotina de passar madrugada acordado e tal, então tenho andado bem cansado. Daí estar mais complicado eu conseguir ajudar.” (P4) como por dificuldades sentidas pelos pais em conseguir que os bebês fiquem com eles sem que a mãe esteja por perto: “(...) acho que o maior desafio é... é justamente isso, é eu conseguir ter um vínculo, eu acho que pra mim, o maior desafio que eu estou tendo, é conseguir ter um vínculo... eu tenho um vínculo bom com a minha filha, mas eu não tenho um vínculo bom o suficiente para eu deixar minha esposa ter uma tarde de descanso (...) para eu conseguir deixar minha esposa passar um dia fora ou assim, pra poder tirar esse sobrepeso que está tendo, sabe?”; “Um exemplo, a minha esposa vai fazer a janta, tento ficar com ela, nem mexo no telemóvel, nem nada, fico com ela pra ver se ela realmente tenta esquecer a mãe dela e tudo.” (P4); “Em casa, muitas vezes ela fica totalmente atrás da mãe. Ela realmente... Tipo, a [nome da esposa] vai cozinhar, ela vai atrás, se gruda nas pernas, chora, aí ela vem, brinca um pouco comigo, mas daí ela quer a mãe, então fica complicado. (...) Então aí, passou para outra fase em que ela passou a dormir comigo tranquilamente, só que por onde a mãe dela ia pela casa, ela ia atrás. E ela passou a, vamos dizer assim, a ficar menos tempo comigo e a ir mais atrás da mãe dela.” (P8).

Para estes pais, o facto de não conseguirem ter tanto tempo de qualidade como gostariam, acaba por ser uma condição limitante na relação com o bebé.

Uma outra dimensão que se apresenta como limitante à construção da relação afetiva entre pai e o bebé são as diferenças biológicas entre eles e as mães. Uma amostra reduzida de pais (3/9) entende que a relação afetiva que têm com o bebé não é, inicialmente, tão forte e natural como a materna, pois não tem a influência biológica que a relação mãe-bebé tem: “a mãe naturalmente tem... sobretudo nos primeiros 3 meses. No nosso caso foram 3 meses em que ela ainda deu de mamar. A mãe tem sempre um vínculo maior porque o nosso trabalho é um bocado mais apoiar, sobretudo nessas partes da alimentação e tal” (P1); “No sentido do que, a mãe é tudo muito natural. Eu realmente, depois que a gente teve a [nome da bebé], eu consigo entender e sempre concordo em dizer que “a mãe é mãe” e realmente a mãe é a mãe, porque ela realmente não precisa de fazer esforço nenhum, nenhum, nenhum, pra ter ligação muito forte com o filho ou filha. (...) Até porque eu acho que parece que como ligação interna mesmo, a mãe quase que não faz esforço pra ter esse vínculo muito forte com o bebé e o pai, eu acho que ele

já tem meio que se esforçar um pouco para ter esse vínculo, entendeu? (P4); “Porque é uma relação diferente que se tem com a mãe, porque a mãe tem aquela questão de ter carregado ela, enfim na barriga, tudo mais. E com o pai é uma... por mais que a gente converse ainda quando o bebê, enfim, está na barriga e tal, é uma interação diferente que tem com a mãe. É uma interação que é feita mais depois que nasce, que com a própria mãe. E até se nota, não sei se por isso ou por outro motivo, mas quando, enfim, quando está doente, quando está com muito soninho, prefere a mãe. E o papai é só para dar um abraço, tipo “estou aqui, ainda te amo, mas eu quero minha mãe” (P8).

Foram ainda identificadas, pela grande maioria dos pais, duas condições facilitadoras na construção da relação: a *brincadeira* e a *valoração do envolvimento*.

No que diz respeito à brincadeira, com exceção de um pai todos (8/9) fizeram menção aos momentos de brincadeira como os que mais valorizam com o bebê: “*é os de brincar, quando estamos lá no tapete de atividades lá de um lado para o outro.*” (P1); “*Uh, enquanto ela está conosco, é assim, já que... Não sei se é algo técnico, mas sempre está cantando com ela, não vou chamar de dança, mas está ali no embalar a criança. Ou em pé ou na bola de pilates*” (P2); “*Então, o momento favorito é, uma coisa que ela ainda não tem muito, quando ela fica mais amorosa e me dá um abraço, e os beijos e assim, quando estamos a brincar.*” (P3); “*O mais maluco possível. Primeiro eu dou banho nela e depois a gente tem o momento da bagunça que é quando ela joga água pelo quarto inteiro e depois a mãe dela vem brigar com nós dois [risos].*” (P4); “*Nesses intervalos a gente consegue, já, ter uma interação, brincadeiras e conversas... Cantar, colocar uma música, a gente cantar e interagir com ela. Mesmo ela tendo quase quatro meses ela já compreende muitas coisas (...) a gente também tira um tempo pra isso, pra gente estar brincando com ela, com os brinquedinhos dela*” (P5); “*Eu gosto muito de brincar. (...) Gosto muito quando ele fica a dar gargalhadas, assim mais eufórico.*” (P7); “*Eu acho que de brincar. Porque é o momento que a gente tem mais de interação (...) Dar banho eu também gosto muito, porque é os momentos que a gente consegue brincar mais, interagir melhor. Porque dar a comidinha, não é divertido, é vamos dizer assim, uma obrigação. E também, porque são esses momentos de brincadeira, ela também é muito carinhosa, são nesses momentos de brincadeira que ela abraça, dá beijo, dá as risadas dela.*” (P8); “*Mas sim, gosto de brincar com ela, de sentá-la, depois desafiá-la, ver se*

ela gatinha, essas coisas, mas também gosto muito de passear, no marsúpio ou no carrinho, dar umas voltinhas. É, isso é muito bom.” (P9)

No que diz respeito à valoração do envolvimento, todos os pais (9/9) apresentam a perspectiva de que é fundamental estarem afetivamente envolvidos com os seus bebês, sendo uma responsabilidade que assumem de forma intencional: *“Como é que acontece esse envolvimento... Tenho que pensar aqui um bocado, acho que sou mais eu que o procuro, até (...) “Para criar intimidade...” (P1); “eu entendo como ser de responsabilidade minha como pai. O bebê ele vai participar do processo, mas a figura paterna sou eu. E esse ponto da paternidade depende completamente de mim. A [nome da bebê] não vai vir atrás de mim para falar assim “olha, vamos interagir”, então depende de tomar a iniciativa, de ser a parte ativa no processo e devo eu assumir a responsabilidade de estar disponível para desenvolver” (P2); “Acho que o sentido de ser pai é isso, ser pai. É ser pai, penso que seja isso. A palavra já é... o sentido de ser pai é isso mesmo (estar envolvido)” (P3); “É, mas eu acho, não, eu tenho certeza. Eu tenho certeza de que é muito importante; “Sim, considero. (...) É, mas eu acho, não, eu tenho certeza. Eu tenho certeza de que é muito importante.” (...) porque é assim, não adianta ter uma filha que tem medo de mim, é mais fácil ter uma filha que confia em mim, para ela poder conversar, e eu conseguir dar a ela conselho. Então é essa parte do vínculo entra nisso também.” (P4); “Sim, é importante para que a criança tenha a ligação com o pai, né? E essa ligação vai para a vida inteira, então é importantíssima. (..) Por você querer que a criança se sinta feliz, se sinta cuidada, se sinta protegida. Então, essa ligação... eu creio que é importante nesse sentido, dela saber [a criança] que tem alguém para cuidar dela, que uma parte é o pai que faz, outra parte é a mãe.” (P5); “mas sem sombra de dúvida, acho que é muito importante. Porque eu acho que a criança, ela vai crescer mais forte, mais segura, mais autoconfiante. Talvez no processo de aprendizagem ela vai ser mais fácil, vai crescer sem tantos problemas de interação com as outras pessoas, vai conseguir com outros elementos da vida... com a comida, com a música, com a arte em geral... Eu acho que esse vínculo, até de forma biológica, eu não sei, né? Mas eu acho que tem muita importância até na construção cerebral, nas conexões que possa haver no cérebro da criança enquanto ela tem ali aquele vínculo com o pai.” (P6); “acho que é... Em termos teóricos, daquilo que eu sei, é das coisas mais importantes. O*

apego. Ter pelo menos uma pessoa em que o bebê ou a criança, tem uma ligação afetiva muito importante (...) Uh, pelo aquilo que eu já li... não sei, há muito tempo, li muita coisa de que ser muito importante ter, pelo menos uma pessoa, tenho essa percepção. Mas isso é apenas teoria, o que eu sinto é que ele precisa apenas de nós os dois.” (P7); “Eu acho importante porque, uma é por ter o modelo paterno. (...) Enfim, é mais pelo exemplo e pela relação que eu vejo que é importante” (P8); “Por isso acho que é um papel importante. A presença do pai e quanto mais ativo for, mais... melhor será a vida dela, porque tem mais carinho, mais amor...” (P9)

4.2 Objetivo 2 e 3 : Estudo misto- Impacto GroovaRoo Dance na interação pai-bebé

4.2.1 Objetivo 2: Análise de dados quantitativa- interação pai-bebé pré e pós dança

No que diz respeito ao segundo objetivo traçado neste estudo, o de aferir o impacto do programa *GroovaRoo Dance* na qualidade das interações pai-bebé, do ponto de vista estatístico os resultados não são significativos. Contudo, os comportamentos mudaram de forma quase significativa (para um n tão baixo, a subsignificância de .061 aceitável como erro). Verifica-se uma franca melhoria nos comportamentos do bebê em termos de *Posicionamento e Manipulação; Diretividade; Atividade lúdica e Reciprocidade*, sendo estas as sub-escalas onde um maior número de bebês registou melhorias.

Tabela 3 – Análise comparativa dos comportamentos paternos e infantis antes e depois da participação no programa Groovaroo Dance

		<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Comparação 1	MINDS_ Pré dança_PAI	25.78	4.893	-.605	.562
	MINDS_ Pós dança_PAI	27.00	5.590		
Comparação 2	MINDS_ Pré dança_BEBE	19.56	6.366	-2.177	.061
	MINDS_ Pós dança_BEBE	25.44	7.333		

Quando analisamos a correlação dos comportamentos paternos antes e após a participação no programa ($r = .383$; *ns*) e as mesmas correlações para o comportamento infantil ($r = .305$; *ns*), não se encontram associações estaticamente significativas. Tal significa baixa consistência no comportamento materno e paterno entre os dois momentos. Os pais e os bebês que tinham melhores scores antes do programa não foram os que mais evoluíram, não se consegue identificar nesta amostra o trajeto de progressão das díades. Igualmente, não se verificaram associações significativas entre as variáveis demográficas (variáveis independentes) e os resultados.

O acordo de cotações entre dois cotadores (a mestrande e uma das suas orientadoras - autora da escala) para 20% dos casos, foi 75%

4.2.2 Objetivo 3: Análise de dados qualitativa-percepção paterna do impacto do GroovaRoo Dance

Partindo das entrevistas realizadas aos 9 pais participantes do estudo, foi possível agrupar respostas dadas pelos mesmos no esquema abaixo apresentado (fig. 4). O mesmo apresenta-nos o panorama geral do impacto do programa de dança “GroovaRoo Dance” nas percepções dos participantes.

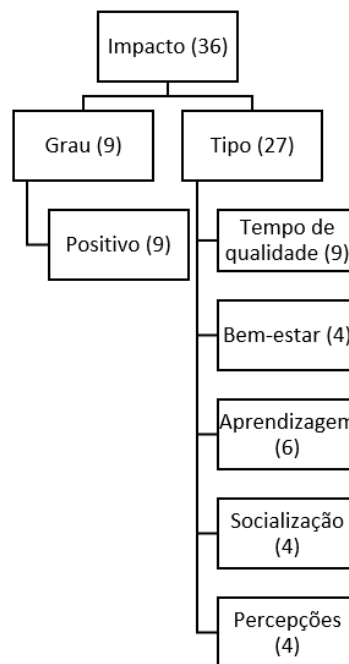


Fig.4 “Esquema em Árvore- “Impacto GroovaRoo”

Foi possível avaliar o impacto do programa em duas categorias distintas: o grau valorativo da experiência, se a mesma foi positiva ou negativa e o tipo de impacto que o programa teve para os pais.

No que diz respeito ao grau valorativo da experiência, todos os pais (9/9) deram o feedback de que a participação nas aulas se caracterizava como positiva: *“Pela experiência que estamos a viver e pronto, tudo foi sendo cada vez melhor e no final já estava a gostar muito das aulas, dançar, estar ali com ela era sempre muito divertido (...) foi muito positiva, muito positiva.”* (P1); *“Foi uma experiência ótima, sim, muito boa. No meu entender, sim.”* (P3); *“Gostei muito, foi mesmo giro. Foi uma experiência muito gira. (...) Não me custou, fi-lo com vontade.”* (P9).

Mesmo alguns pais que no início se encontravam um pouco mais reticentes, acabaram por retirar proveito da experiência: *“foi legal assim, porque é assim, se fosse alguma outra coisa pra mim, provavelmente eu não faria, como foi pra ela, eu falei assim, não, não vou deixar a timidez me atrapalhar, eu vou fazer e acabei fazendo e de um modo geral foi muito bom.”*(P4) mais até do que antecipavam: *“Foi surpreendente! Sinceramente, eu achava que ela não ia é... gostar tanto como ela gostou. Eu achei que em 15 minutos ela não iria querer mais ficar no... [Entrevistadora: no marsúpio?]. Sim, no marsúpio, que ela ia se incomodar, que ia chorar... Mas muito pelo contrário, todas as vezes que eu pegava no marsúpio, ela já ficava elétrica, e já começava...O tempo todos, os 50 minutos que fazíamos de aula, ela ficava elétrica ou ela ficava a dormir, porque relaxava, com a dança, o movimento. E foi uma experiência fantástica”* (P5).

Havendo um consenso unânime de que a participação no programa de dança foi positiva, o tipo de impacto que teve nos pais desdobra-se em distintas subcategorias.

Todos os pais (9/9) associaram a experiência das aulas a momentos facilitadores do tempo de qualidade com os bebés, permitindo que houvesse a possibilidade de passarem um tempo prolongado em interação, de maior intimidade e afeto. *“Se eu soubesse antes tinha feito antes, porque é um bom momento ali a dois”*; *“acho que ter ido para a dança nos uniu um pouco, porque foi uma coisa diferente e pode-se ver que no início ela estava com mais receio e também para ela era novidade (...) mas com o passar das aulas ela passou a aderir mais e a gostar mais do que lá estava a fazer. Isso também contribuiu mais para o nosso vínculo, mais união, era uma coisa que eu fazia com ela, era uma coisa*

que no fim ela já estava mais descontraída.” (P3); “essas aulas assim dos pais com os bebês, é um momento muito importante, muito importante. Até porque no momento da aula, você não vai estar pensando em nada. Você vai estar só mesmo na hora (...) foi de aproximação mesmo, eu acredito que ajudou bastante” (P4).

Enquanto para alguns pais (2/9), as aulas de dança foram vistas como mais um acréscimo aos momentos de interação que têm com os bebês: *“a música já está nas nossas vidas, mas pronto, a atividade em si, que fazemos da dança, é... Eu tento conciliar também, porque eu tento colocar música para ela escutar, eu fico lá cantando, né?” (P6); “também foi a oportunidade de fazer mais uma coisa diferente com ela. E acho que valeu muito a pena, gostei.” “Houve (um contributo) obviamente, porque era mais um momento a dois (...) então era mesmo um momento nosso, de nós os dois. Era uma hora, mais uma hora, em que nós estávamos juntos, por isso sem dúvida que contribuiu.” (P9).* Para outros (5/9) as mesmas apresentaram-se como oportunidades significativas de interação, que, de uma forma geral, acabam por não ser tão fáceis de alcançar: *“porque ela está a sentir e você está a sentir ela e isso cria um laço muito forte entre pai e filha, né? Que normalmente o pai está a trabalhar, está não sei o quê e acaba que fica mais distante, então isso aí une muito os dois, cria um laço maior (...) Porque normalmente a interação com o pai é menor, às vezes ela quer sair, quer não sei o quê, mas nesse caso ela ficou muito tempo próximo, bem juntinhos mesmo. Então, foi muito bom, essa experiência.” (P5); “Gostei muito. Gostei muito. E eu costumo brincar, mas também falar um bocado a sério, que é uma hora por semana que eu estou com a minha filha, seguidinho, só eu e ela, sem ter que fazer coisas. (...) Às vezes, passava a semana... era o momento alto da minha semana!” (P1); “eu diria que a minha experiência foi de ter uma hora assim dedicado a estar com ela. E isso, na prática, se não tiver horas intencionais assim, dificilmente eu tenho uma hora directo com ela.” (P2); “acho que foi das primeiras atividades que tivemos em conjunto os dois, assim fora de casa, além de ir ao parque, dar um passeio. Acho que na verdade foi a primeira atividade proativa em que os dois tivemos juntos.” (P7); “Foi um momento de estar só eu com ela, foi bem interessante, é... Porque, eu acho que tinha partilhado na outra entrevista, tinha momentos em que, quando a mãe saía do recinto, ela chorava.” (P8)*

Alguns pais (4/9) referiram a promoção de momentos prazerosos de bem-estar e diversão: *“Pela experiência que estamos a viver e pronto, tudo foi sendo cada vez melhor e no final já estava a gostar muito das aulas, dançar, estar ali com ela era sempre muito divertido.”* (P1); *“Pelo princípio fisiológico, mas também pelo princípio de alimentar e disfrutar desse tempo, com mais prazer do que só fazer uma caminhada.”* (P2) *“Foi uma experiência engraçada (...) Mas foi engraçado, foi divertido! Gostei.”* (P6); *“Sim, foi muito bom, foi muito divertido.”* (P7) *“Eu acho que foi bem legal. As aulas eram bem legais”* (P8).

Na sua maioria, os pais (6/9) referiram que as aulas resultaram em momentos de aprendizagem variada.

Uma percentagem inferior (3/9) de pais mencionou a aprendizagem que se retira no domínio técnico da atividade física: *“Agora, eu acho que é uma forma de promover um tempo de atividade física em conjunto com um bebé. Eu confesso que, sendo muito consciente, não sendo a dança, vai ser uma caminhada, porque não há muita variação que se possa fazer nessa faixa etária. Então, a dança torna-se muito mais interessante que só uma caminhada. Então, como alguém da área do desporto, eu recomendo”* (P2); *“adquiriu-se alguns conhecimentos até de dança, foi feito algum exercício físico o que também foi bom”* (P3); *“Foi giro aprender uns passos novos e tentar melhorar nesse aspecto.”* (P9).

Alguns pais (4/9) identificaram, ainda que as aulas contribuíram com conhecimentos e estratégias que passaram a usar com o bebé em outros momentos das suas rotinas: *“Então o uso da mochilinha foi algo muito bem desenvolvido, foi algo que a gente aprendeu com o tempo.”*; *“À parte que, a proposta em si, da dança com ela, que uma vez ou outra eu ainda faço, pra adormecê-la. Porque a gente foi-se habituando, são coisas que ficam, né?”* (P2); *“Eu fui usar até mesmo de pegar nela do nada e fazer e tudo, de ter um momento de mais carinho em algumas partes das aulas de dança, então deu pra usar. Principalmente essa parte do carinho”* (P4); *“É assim, nós não dançamos as canções das aulas, não chegamos a fazer em casa. Mas uma coisa que fazemos muito é dançar em casa. Imagino que isso (GroovaRoo Dance) também tenha contribuído pra isso.”* (P7); *“Dos passos, de olhar no olho, de dar beijinho e tal... Foi... Não sei se teria feito se não fosse, se não tivesse ido às aulas. Foi.. Claro que influenciado pelas aulas.*

É, basicamente. Claro que, às vezes não a punha no marsúpio. Mas ficava lá na casa a dançar e tal, até ela cansar.” (P6); “às vezes, quando chegamos a casa, ainda está no marsúpio, às vezes ainda tento dar uns passinhos dos que eu aprendi. (...) Que nós também tentamos ter uma presença da música em casa, ouvir música com ela.” (P9).

Para cerca de metade dos pais (4/9), o impacto positivo da experiência também se traduz no facto de as aulas de dança se apresentarem como uma oportunidade de socialização, tanto para os bebés: *“e depois foi bom até para a [nome da bebé] porque é uma experiência diferente para ela, de convívio também para outras crianças”(P3); “Fomos na academia, junto com os outros pais, as outras crianças, aí ela ficou totalmente elétrica, ela ficou totalmente. Então, foi uma experiência fantástica.” (P5);* como para os próprios pais: *“No início, estávamos todos assim um bocado com vergonha, a por um pé à frente do outro, mas no fim já estávamos todos numa dinâmica muito gira entre os pais, fomo-nos conhecendo, temos sempre muitas coisas em comum, não é? Pela experiência que estamos a viver e pronto, tudo foi sendo cada vez melhor.” (P1); “e também para mim, também de conhecimento e convívio com outros pais” (P3); “Acho que mesmo o espírito do grupo, de estarmos com outros pais, com as suas crianças. Foi muito giro.” (P9).*

Para cerca de metade dos pais (4/9) o impacto positivo da experiência traduziu-se na expansão de perceções. A maioria desses pais (3/4) salientou o facto de a experiência com o GroovaRoo Dance ter reforçado a visão que têm sobre a pertinência de investir em momentos que fomentem a interação de qualidade entre eles e os bebés: *“chegou até a abrir a minha mente pelo facto de eu conseguir, também, estar fazendo mais atividades com ela, sabe? De abrir minha visão e eu falar “opa, consigo ter atividades pra ela, que também é pra mim, sabe?”; “(...) eu acredito que ajudou bastante e até mesmo no psicológico, de me dar mais motivação p’ra insistir em conseguir ter esse vínculo com ela. (P4); “mas, acrescentou, assim pelo olhar que me fez ter (...) Ou seja, o vínculo, ele consegue ser feito mediante várias atividades e o que nós fizemos na dança, é uma delas. Se calhar, abriu mais a mente para a possibilidade de que, vamos escutando música e vamos aproveitar e ter aquele momento de mais contacto, de pele a pele e tal, o cheiro e tudo mais. Acho que foi isso.” (P6); “De tal maneira que agora até penso que pode fazer sentido nós agora fazermos alguma coisa assim muito interativa com o [nome do bebé]*

ou talvez outra atividade, ou dança ou... Foi muito bom termos alguma coisa em que compartilhamos, alguma coisa assim (...)" (P7).

Já, para um dos pais (1/4), a experiência levou-o a ter uma noção mais concreta da realidade experienciada pela mulher, enquanto figura de vinculação. Isto porque, identificou que a filha, no período em que decorreram as aulas de dança, se voltou muito mais para ele enquanto fonte de segurança e consolo, em vez de recorrer à mãe como habitualmente fazia: *"Foi um momento de estar só eu com ela, foi bem interessante, é... Porque, eu acho que tinha compartilhado na outra entrevista, tinha momentos em que ela, quando saía, quando a mãe saía do recinto, ela chorava, porém quando a mãe saía tranquilamente comigo, então foi interessante nesse sentido. Também, eu notei uma (que agora já passou), eu notei uma questão de ela querer estar mais comigo também. Diminuiu essa dependência da mãe, até teve dias que não queria a mãe, queria eu. Teve também noites que ela acordou na madrugada e chorava, não p'ra estar com a mãe, queria estar comigo (...). Eu acho que foi interessante essa troca de papéis, de eu estar mais com o papel de ser mais necessário, e a mãe estar mais no papel de tentar pegar a filha e ela chora, então, acho que foi assim. Tirando o tempo passado com ela, acho que foi o mais interessante, o "trocar o relacionamento", até p'ra eu conseguir me colocar melhor na pele, do outro." (P8)*

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.3.1 Objetivo 1: Percepção Paterna sobre o Envolvimento Paterno

Relativamente ao primeiro objetivo a que se propunha este estudo, o de explorar as percepções paternas quanto à importância da construção de uma relação com os filhos e a forma como têm vivido essa experiência, é possível identificar nesta amostra de pais, o constructo que a literatura denomina e caracteriza como “*novo pai*”: aquele que para além de provedor financeiro se apresenta como emocionalmente envolvido no cuidado dos filhos (Branco, 2008; Castoldi et al., 2014; Menezes, Scorsolini-Comin & Vilela Santeiro, 2019), entendendo que é de igual modo sua responsabilidade atender a essas necessidades e não apenas uma responsabilidade materna.

Mais de metade (5/9) dos pais atribuiu um *grau de importância* ao seu papel que considera semelhante ao materno. Pelo contrário, uma pequena amostra (2/9) expressou a visão de que, embora o seu papel seja importante, o grau de impacto paterno é inferior ao materno nos primeiros tempos do bebé, atendendo aos fatores biológicos implícitos na nutrição do bebé (amamentação).

As duas visões não deixam de se relacionar, se atendermos ao facto de que pai e mãe detêm ambos papéis importantes, mas com contornos distintos, já que o papel do pai não se equipara ao papel materno (Piccinini et al., 2009). Assim sendo, ambos os papéis detêm um efeito complementar na vida do bebé (Faria, Santos & Fuertes, 2014) e as respostas expressas pelos pais, acabam por refletir isso mesmo: por um lado, o papel paterno é de grande importância, assim como o da mãe o é, por outro lado, este não é um substituto do papel materno, e por esse motivo, poderá acontecer que alguns pais refiram que o mesmo acaba por não ter tanto impacto como o materno, ainda que considerem o seu papel importante e significativo.

Relativamente ao *tipo de impacto* que os pais entendem, as respostas dadas pelos pais vão ao encontro do que a literatura aponta como sendo o “*duplo efeito*” que os pais desencadeiam na vida dos filhos, tanto de forma direta, na relação com o bebé, como indiretamente através da relação e apoio dado à mãe do bebé (Lamb & Tamis-Lemonda, 2004).

Todos os pais demonstraram ter a visão de que o seu papel é importante e detém impacto tanto pelo apoio dado à mãe (“*É um pilar fundamental juntamente com a mãe,*

que ajuda. A mãe tem um papel fundamental, o pai também, porque é o apoio da mãe.” (P3)) como pelo próprio apoio que conferem ao bebê garantindo maior estabilidade ao bebê e conseqüentemente contribuindo para o seu desenvolvimento (“*A criança necessita da figura paterna para ela conseguir desenvolver plenamente as suas intelectualidades e habilidades. Ela precisa dos dois lados, de ter os dois lados para poder se desenvolver de forma adequada e feliz, né?*” (P5))

O expressar destes pontos de vista é sustentado pela literatura, que considera que o envolvimento paterno contribui tanto para a harmonia da tríade familiar, ao favorecer o próprio envolvimento da mãe com o filho, permitindo que este se dedique com maior qualidade à relação (Piccinini et al., 2004; Figueiredo et al., 2007) como para o próprio desenvolvimento da criança (Faria, Santos & Fuertes, 2014).

De entre os variados impactos que o assumir da paternidade trouxe para estes pais, importa destacar a presença de duas posições. Por um lado, a maioria dos pais (8/9) associou a paternidade a uma experiência com grande nível de prazer e bem-estar (“*Ah, é a ternura, orgulho, paixão, amor, carinho, cuidado, só coisas boas. (...) Não é só gratificante, é muito mais gratificante. Uma experiência assim fantástica a de ser pai.*” (P5) “*Acho que era difícil perceber antes dela ter nascido o quão bonito e quão forte pode ser esta relação.*”; “*ser pai é [pausa reflexiva] é muito bom! (riso) gosto muito. (...) Traz muita paz, é muito divertido, é muito giro vê-la a fazer coisas novas a cada dia...*” (P9)). Contudo, houve, também, um considerável número de pais (5/9) que revelaram a presença de sentimentos ambivalentes. Esses pais, tanto referiram o cansaço e a exigência do seu papel como a sensação de preenchimento que esta lhes traz (“*Ao mesmo tempo, é um pouco duro, cansativo, mas é muito bom.*”; “*ser pai é um desafio que vale a pena (...)*” (P3); “*Apesar das dificuldades e da própria demanda do dia a dia, do cansaço e tal, é uma delícia, é uma maravilha*” (P4)).

Tais sentimentos ambivalentes são fruto da complexidade implicada na parentalidade, e por isso identificou-se a presença de fatores positivos, negativos e outros neutros, no que diz respeito ao envolvimento paterno (i.e., a categoria de envolvimento paterno inclui uma subcategoria de fatores positivos, negativos e neutros).

“*Tornar-se pai*” implica uma reorganização dos diversos papéis e cada sujeito, naturalmente, tal reorganização implicará que haja ***mudanças de prioridades*** (como

referido por 2 dos pais) e o *assumir dos cuidados com o bebê* (mencionado por todos os pais), isto porque o grupo de pais entrevistados assume que o papel de pai comporta essa disponibilidade e envolvimento com o bebê. Mas sabe-se que o assumir de tal responsabilidade se pode traduzir em distintas experiências, algumas mais fáceis e tranquilas (*Tem sido muito gratificante, felizmente, temos aqui uma criança que temos tido muita sorte, tem corrido tudo muito bem, ela tem dormido à noite, ela deixa-nos descansar, então ajuda a ser quase “só” gratificante e sem quase exaustão*) (P9)) e outra que têm sido mais exigentes (*“É exigente. A [nome da bebê] é uma bebê saudável, mas que tem os seus desafios”* (P2); *“Oh, não tem sido fácil.”* (P4); *“Olha, isso é um trabalho complicado [riso] (...)”* (P8)), revelando que a adaptação à parentalidade é influenciada por diversos fatores, de ordem relacional, individual e contextual, estando cada pai sujeito a uma experiência única (Gomez & Leal, 2009).

Atendendo às narrativas dos pais que compõem esta amostra, existem fatores que se apresentam maior grau de desafio, como a *gestão emocional* de lidar com o stress que advém de lidar com comportamentos mais desafiantes dos bebês, a *preocupação* recorrente em relação à saúde e bem-estar do bebê e o assegurar que existe tempo para, também, priorizar a *relação do casal*.

Parece, portanto, que os *sentimentos ambivalentes*, podem resultar das exigências que naturalmente estão implícitas no cuidar do bebê (e que foram consideradas como tendo um impacto neutro, uma vez que os pais têm consciência de que “faz parte”) e algumas áreas que os possam deixar mais vulneráveis.

A *gestão emocional* que a paternidade demanda dos pais, que os coloca recorrentemente num confronto com as suas atitudes, motivações e capacidades destaca-se como a mais mencionada (por 4/9 dos pais) e, provavelmente o motivo de estes expressarem sentimentos ambivalentes ao se referirem à experiência.

Contudo, se atendermos ao facto de que quase todos os pais (8/9) também identificaram a experiência como uma que lhes traz *prazer e gratidão*, poderá ser por esta tanto acarretar mudança e aprendizagem para os mesmos, pelo menos, para uma boa parte da amostra (5/9), como pela *reciprocidade* na relação que os pais têm identificado. E nesse ponto todos os pais foram unânimes (9/9).

Considerando que a experiência factual da paternidade é condicionada por fatores intrínsecos e extrínsecos (Cardoso, 2012) que ditam o maior ou menor envolvimento dos pais com o bebê, atentar para as condições facilitadoras e dificultadoras identificadas no discurso destes pais ajuda a compreender quais os fatores que parecem deter maior peso nesse processo.

No caso dos pais entrevistados, das 6 dimensões que imergiram do discurso dos mesmos, 3 encontram-se entre os fatores referidos na literatura como condicionantes do envolvimento paterno: a rede social, a relação conjugal e o tempo disponível (Cardoso, 2012).

Tanto a presença de **rede de apoio** como a existência de boas relações de **cooperação entre o casal** tornam-se, assim, fatores facilitadores do envolvimento paterno. Já que o pai fica mais apoiado no desempenhar do seu papel: *“por acaso o nosso médico, o nosso pediatra foi muito bom nisso. Logo nas primeiras sessões chamou logo a atenção que isso iria acontecer e pronto, aconteceu. Mas temos também muito apoio da família, as avós são muito presentes, sobretudo a família mais do lado da mãe”* (P1); *“O nosso protocolo em casa, sempre envolve os dois e está dividindo essas tarefas”*; *“A gente partilha conteúdos de Instagram de parentalidade, que ajudam, dão algumas dicas do que fazer em algumas situações.”* *“Eu estou a aprender agora, mas estou casado com alguém que já tem experiência, às vezes me indica materiais.”* (P2).

Já no que diz respeito ao **tempo disponível** [de qualidade], este ficou evidenciado pelo lado negativo, existindo tanto motivos profissionais como de dificuldade em ficar sozinho com o bebê sem que este chore pela mãe.

Foi possível constatar que os pais (P1, P4 e P8) que referiram a limitação no que diz respeito a passar tempo de qualidade com o bebê, são os mesmos que entendem que a relação afetiva que têm com o bebê não é tão forte, pois não ocorre tão naturalmente como a da mãe, o que parece denotar uma correlação direta entre ambas as respostas. Provavelmente, se não houvesse a sensação de que passar tempo de qualidade com o bebê tem sido um desafio, a percepção de que a relação afetiva que o bebê detém com a mãe é naturalmente mais forte, seria esbatida.

Por fim, as últimas duas condições identificadas foram **brincadeira e a valoração do envolvimento** e apresentam-se como agentes facilitadores na construção da relação.

Quase todos os pais (8/9) apontaram os momentos de **brincadeira** como os momentos mais valorizados por eles com os seus bebés. Tal constatação vai ao encontro da literatura quando refere que o pai, geralmente, se envolve de forma mais física com as crianças, recorrendo à brincadeira e atividades motoras (Lima, Serôdio & Cruz, 2011; Fuertes et al, 2017).

É possível denotar que o momento da brincadeira é o mais valorizado pelos pais, por serem esses momentos onde é mais perceptível a reciprocidade do bebé: *“Então, o momento favorito é, uma coisa que ela ainda não tem muito, quando ela fica mais amorosa e me dá um abraço, e os beijos e assim, quando estamos a brincar. São os momentos mais gratificantes. Quando ela está bem, é dos momentos melhores que temos.”* (P3); *“E também, porque são esses momentos de brincadeira, ela também é muito carinhosa, são nesses momentos de brincadeira que ela abraça, dá beijo, dá as risadas dela.”* (P8).

De facto, a reciprocidade do bebé (entendido como o feedback e respostas carinhosas que os mesmos devolvem aos pais) destacou-se enquanto subcategoria positiva dos impactos da paternidade na vida dos pais. Podemos entender tal valorização pelo facto de a presença de reciprocidade ser componente da tal "dança interativa" pela qual o envolvimento emocional mútuo na díade se vai construindo (Branco, 2008).

Como ficou evidenciado nas respostas dadas, a brincadeira surge como o meio pelo qual os pais mais facilmente percecionam a afetividade e interação do bebé- *“Eu acho que de brincar. Porque é o momento que a gente tem mais de interação, porque quando a gente dá comidinha, trocar a roupa... dar banho. Dar banho eu também gosto muito, porque é os momentos que a gente consegue brincar mais, interagir melhor. Porque dar a comidinha, não é divertido, é vamos dizer assim, uma obrigação”.* (P8) -sendo, por isso, o momento de eleição.

Destaca-se ainda como condição facilitadora do envolvimento paterno, a **valorização** por parte dos pais de tal envolvimento.

O facto de todos os pais (9/9) entenderem ser importante estarem afetivamente envolvidos com os seus bebés, assumindo que devem ser intencionais nesse domínio parece ser um fator crucial para que estes pais se mantenham comprometidos, mesmo

quando outros fatores possam estar a condicionar (em maior ou menor escala) o envolvimento que têm com o bebé.

Como foi partilhado por um dos pais: *“eu acho que ser pai é (...) Eu acho que é uma prova de amor. (...) E o pai, realmente ele tem que amar muito, porque cê junta cansaço de trabalho, com o facto de que realmente a gente não é tão sensível quanto a mãe, em saber que “poxa, ela está chorando porque ela está doente”, entendeu? Às vezes o pai fica de cabeça quente. Então, às vezes quando dá as crises de choro dela, às vezes eu fico stressado e logo eu já penso “não, pera lá, ela não está chorando à toa” então eu não posso simplesmente ficar stressado e tal. Eu acho que seria isso, ser pai é uma prova de amor, porque a gente tem que, a todo o momento, mostrar amor por ela e consequentemente pela esposa, pela mãe. Se não você não cria vínculo nenhum e eu acho que é através do amor que vocês cria vínculo, você se esforça mais para poder ajudar nas tarefas, você ajuda mais no desenvolvimento, através do amor você acaba se dedicando mais, entendeu?” (P4)*- a motivação intrínseca de que uma ligação afetiva é importante para o desenvolvimento do bebé é o que serve de motor para que o pai se envolva e persevere mesmo diante de distintas demandas.

Se considerarmos que descodificar sinais de afetividade por parte do bebé pode não ser um processo fácil e imediato na relação, como se afere em algumas narrativas (*“era a falta de feedback. Ela na altura não exteriorizava nada e agora já começa e isso é espectacular.” (P9)*), se atendermos ao facto de que alguns bebés apresentam características pessoais mais desafiantes que outros (*Oh, não tem sido fácil (...) a [nome da bebé] é bem agitada. Quase um bebé que já tem vontade própria, sabe? E também infelizmente ela tem muita cólica e tal.” (P4)*) e que existem fatores externos, como por exemplo horários laborais mais sobrecarregados, (*“E depois, porque a [nome da esposa] trabalha em casa e eu trabalho fora, uh... e portanto, tento compensar muito aos fins-de-semana” (P1)*) a condicionar a construção da relação e tornar o processo mais assoberbado, o facto de os pais estarem conscientes de que a existência da construção de um vínculo com o bebé é importante (*“É, mas eu acho... Não, eu tenho certeza. Eu tenho certeza de que é muito importante.” (...) porque é assim, não adianta ter uma filha que tem medo de mim, é mais fácil ter uma filha que confia em mim (...)*)(P4); *“O pai tem que estar... Ele é o pai e a criança tem que amar o pai e a mamãe igual e saber que pode*

confiar nos dois, que pode estar perto dos dois.”; “E essa ligação vai para a vida inteira, então é importantíssima. (...) Por você querer que a criança se sinta feliz, se sinta cuidada, se sinta protegida. Então, essa ligação... eu creio que é importante nesse sentido, dela saber [a criança] que tem alguém para cuidar dela (...) que ela vai estar sempre cuidada, amparada, que vai estar sempre se sentindo dessa forma.” (P5)) fará a diferença. De facto, esse entendimento de que é essencial para o bebé sentir que pode confiar em quem cuida dele, de se sentir seguro, evidenciado no discurso dos pais é exatamente o que é postulado por Bowlby (1969/1982 citado por Faria, Santos & Fuertes, 2014) relativamente ao papel da figura de vinculação e estes pais, detém tal entendimento,

4.3.2 Objetivo 2 e 3: Impacto do GroovaRoo Dance

Os dados quantitativos aferidos na observação da interação livre entre pai-bebé, não permitem concluir que o programa de dança tenha tido impacto significativo nos scores de interação dos pais com os seus bebés, mas revelam francas melhorias no comportamento dos bebés, quase passíveis de atingir níveis de significância.

Contudo, ainda que a amostra estatística não revele dados significativos, a perceção paterna referente ao impacto do GroovaRoo Dance traz contributos que sugerem que a participação intencional em atividades como a que foi proposta, se apresentam como uma mais-valia para a construção da ligação afetiva entre pai e bebé. Principalmente ao se considerar os seguintes fatores:

1. A construção da relação entre o adulto e o bebé encontra-se bastante dependente da sensibilidade do cuidador (Faria, Santos & Fuertes, 2014);
2. Regra geral, a sensibilidade paterna é mais reduzida que a materna (Faria, Gonçalves & Fuertes, 2014);
3. O bonding entre pai e filho surge mais lentamente (Piccinini et al., 2009), podendo o sentimento de autoeficácia no desempenhar das suas funções de pai e a autoestima do mesmo levar ao risco de estes se desmotivarem ou se apresentem baixo envolvimento (Pereira, 2014).

Tendo em consideração tais apontamentos e atendendo à perceção subjetiva dos participantes sobre o impacto da participação no programa, há que destacar o que foi

referido pelos mesmos no que diz respeito à promoção de tempo de qualidade entre o pai e o bebé.

Todos os pais (9/9) identificaram como positivo o impacto das aulas de dança GroovaRoo, no que diz respeito ao contributo das mesmas para a ocorrência de tempo de qualidade com o bebé, tempo esse que de outras formas acaba por não surgir tão intencionalmente (*“eu diria que a minha experiência foi de ter uma hora assim dedicado a estar com ela. E isso, na prática, se não tiver horas intencionais assim, dificilmente eu tenho uma hora directo com ela (...)”* (P2)).

Para uma boa parte dos pais, os momentos de aula fomentaram uma conexão com o bebé que, como eles próprios afirmam e a literatura atesta, com as ocupações do dia-a-dia a as próprias dinâmicas familiares acaba por nem sempre acontecer tão naturalmente já que estes têm menos oportunidades de relacionamento (Jones e Thomas, 1989).

Se para os pais que afirmavam ter uma boa relação com os bebés o impacto já foi significativo, destaca-se o testemunho dos pais (P1; P4; P8) que na primeira entrevista afirmaram vivenciar algumas limitações na conexão e tempo de qualidade que conseguem ter com os seus bebés:

“Gostei muito. Gostei muito. E eu costumo brincar, mas também falar um bocado a sério, que é uma hora por semana que eu estou com a minha filha, seguidinho, só eu e ela, sem ter que fazer coisas (...) Posso dizer que foi um contributo positivo. Não sei, se calhar mais alguma intimidade só entre os dois. (...) Às vezes, passava a semana... era o momento alto da minha semana!” (P1);

“Foi diferente, né? Até pelo facto de ser bem tímido, mas foi muito bom. E eu queria ter aproveitado mais, queria ter aproveitado mais com ela. Mas eu acho que foi uma coisa diferente e eu acho que chegou até a abrir a minha mente pelo facto de eu conseguir, também, estar fazendo mais atividades com ela, sabe? De abrir minha visão e eu falar “opa, consigo ter atividades pra ela, que também é pra mim, sabe?” Pra também a gente ter esse tempo junto (...) e até mesmo no psicológico, de me dar mais motivação pra insistir em conseguir ter esse vínculo com ela” (P4);

“Foi um momento de estar só eu com ela, foi bem interessante, é... Porque, eu acho que tinha partilhado na outra entrevista, tinha momentos em que ela, quando saía, quando a mãe saía do recinto, ela chorava, porém quando a mãe saía tranquilamente

comigo, então foi interessante nesse sentido. Também, eu notei uma (que agora já passou), eu notei uma questão de ela querer estar mais comigo também. Diminuiu essa dependência da mãe, até teve dias que não queria a mãe, queria eu. Teve também noites que ela acordou na madrugada e chorava, não pra estar com a mãe, queria estar comigo. Foi muito bom, diferente assim (...) Eu acho que foi interessante essa troca de papéis, de eu estar mais com o papel de ser mais necessário, e a mãe estar mais no papel de tentar pegar a filha e ela chora, então, acho que foi assim. Tirando o tempo passado com ela, acho que foi o mais interessante, o “trocar o relacionamento”, até pra eu conseguir me colocar melhor na pele, do outro.” (P8)

Ou seja, os pais para quem o tempo de qualidade com os bebês se apresentava como mais restrito e que sentiam que o laço que têm com o bebê não é naturalmente tão forte como o que mãe tem, foram os mesmos que após o programa revelaram entender que este trouxe um contributo significativo nessa dificuldade que sentiam.

Salienta-se, contudo, que os dados quantitativos aferidos na observação da interação livre entre pai-bebê, não espelham que o programa de dança tenha tido impacto significativo nos scores na relação.

Nesse sentido, importa considerar que o tamanho reduzido da amostra, poderá ter sido impeditivo para que valores significativos fossem auferidos.

Há, também, que ressaltar que estudos que procuram auferir impactos na sensibilidade dos cuidadores exigem consistência na abordagem e que os estudos de intervenção indicam que mudanças são lentas e progressivas. O tempo relativamente curto em que o programa foi conduzido, poderá também ser um fator explicativo para a ausência de valores significativos.

Mediante tais condicionantes, constata-se que o contributo de maior pertinência do estudo não reside em conseguir comprovar a eficácia do GroovaRoo Dance enquanto promotor de mudanças nos comportamentos (contribuindo para um aumento do comportamento de sensibilidade, por parte do pai e cooperação por parte da criança) passíveis de ser observados na interação entre ambos, mas a influência que o mesmo possa ter na facilitação de momentos de interação com qualidade entre pai e bebê e na expansão das perspetivas paternas quanto à importância de tais momentos e como concretizá-los.

O discurso dos pais aponta para o facto de a experiência com o GroovaRoo Dance ter reforçado a visão dos mesmos sobre a pertinência de investir em momentos que fomentem a **interação de qualidade** entre eles e os bebés e de como a concretizar: *“chegou até a abrir a minha mente pelo facto de eu conseguir, também, estar fazendo mais atividades com ela, sabe? De abrir minha visão e eu falar “opa, consigo ter atividades pra ela, que também é pra mim, sabe?”; “(...) eu acredito que ajudou bastante e até mesmo no psicológico, de me dar mais motivação p’ra insistir em conseguir ter esse vínculo com ela. (P4); “mas, acrescentou, assim pelo olhar que me fez ter (...) Ou seja, o vínculo, ele consegue ser feito mediante várias atividades e o que nós fizemos na dança, é uma delas. Se calhar, abriu mais a mente para a possibilidade de que, vamos escutando música e vamos aproveitar e ter aquele momento de mais contacto, de pele a pele e tal, o cheiro e tudo mais. Acho que foi isso.” (P6); “De tal maneira que agora até penso que pode fazer sentido nós agora fazermos alguma coisa assim muito interativa com o [nome do bebé] ou talvez outra atividade, ou dança ou... Foi muito bom termos alguma coisa em que partilhamos, alguma coisa assim (...)” (P7).*

Como referido pela literatura, o movimento rítmico evoca sentimentos de bem-estar e relaxamento (Behrends; Müller & Dziobek, 2012) a par de que a música se destaca enquanto canal comunicativo de emoções e partilha (Edwards, 2011; Volgsten, 2015). Todo o ambiente da aula favorece aquilo que se pode destacar como sendo a mais-valia do programa: as aulas serem pensadas de modo a atuar como um meio facilitador para a **alegria e o bem-estar** (lembrando que um dos pilares do programa assenta nisto mesmo “sentir alegria através de momentos de amor e conexão” (Groovaroo, s/d)), de modo que tanto bebé como cuidador estejam relaxados, disponíveis um para o outro, afastando-se das tensões ou distrações que em outros momentos do dia vão tomando lugar.

O discurso dos pais aponta nesse sentido: *“Se eu soubesse antes tinha feito antes, porque é um bom momento ali a dois” (P3); “essas aulas assim dos pais com os bebés, é um momento muito importante, muito importante. Até porque no momento da aula, você não vai estar pensando em nada. Você vai estar só mesmo na hora” (P4); “porque o coração está muito próximo. Ela te sente, você sente ela. Isso também é muito importante, essa troca (...) porque ela está a te sentir e você está a sentir ela e isso cria um laço muito*

forte entre pai e filha, né? Que normalmente o pai está a trabalhar, está não sei o quê e acaba que fica mais distante, então isso aí une muito os dois, cria um laço maior”; (P5).

Todos os pais (9/9) enquadraram a **experiência como positiva** referindo que recomendariam as aulas e não se encontram arrependidos de ter participado (“Se recomendaria, tanto recomendaria que recomendei a várias pessoas. E acho que continuaria se isto continuasse, sim.” (P1); “Mas sim, recomendaria. Sem dúvida que recomendaria, ainda tentei trazer alguns amigos, infelizmente não foi possível e acho que consideraria fazer mais. Acho que até com, acho que até seria interessante fazermos com a [nome da esposa]. Vinhamos os três.” (P9)). Assim sendo, pode-se entender que os testemunhos paternos registados no estudo predizem que, para os pais cuja conceção de paternidade implica o envolvimento afetivo com o bebé, o programa permite que estes o vivenciem de uma forma prática e muito significativa e, por isso mesmo, se torna pertinente valorizar esta proposta.

5. Considerações Finais

| | ' ' | | ' '

5.1 Contributos do presente Estudo

Uma vez que a paternidade é um campo de estudo em atual construção e atualização, o presente estudo possibilitou a expansão do corpus de conhecimento sobre o envolvimento paterno e as práticas de intervenção precoce baseado na evidência. Ao trazer a “voz” dos próprios pais, o estudo permite um aproximar da literatura em torno da paternidade à realidade contida no contexto português.

A amostra obtida neste estudo não permite fazer generalizações, contudo, algumas reflexões são passíveis de ser feitas.

Considerando o proposto no primeiro objetivo, de explorar as perceções paternas quanto à importância do seu envolvimento com os filhos e a forma como têm vivido essa experiência, ficou evidente que para estes pais, existe a visão de que a sua presença e envolvimento é importante pois sustenta o sucesso do papel materno e traz maior estabilidade ao desenvolvimento do bebé. Os pais foram perentórios em identificar que a existência de um vínculo com o bebé é importante, pois entendem ser essencial que o bebé tenha a sensação de que pode confiar nos seus cuidadores, de que é amado e que pode encontrar segurança nos mesmos.

Considerando a proposta do estudo (de que os pais não só se disponibilizassem para responder as perguntas associadas às suas perceções enquanto pais, mas também participassem nas aulas de dança com os seus bebés), faz sentido que as perceções dos pais sejam concordantes com o conceito “novos pais”, i.e., aqueles que se encontram envolvidos emocionalmente com o cuidado dos seus filhos.

Possivelmente só pais que se encontrassem envolvidos emocionalmente com a sua experiência paterna poderiam manifestar disponibilidade para participar de um estudo como o proposto, onde a sua participação implicou uma disponibilidade prolongada e regular para uma tarefa muito específica: a de dançar com o bebé. Os pais que ainda detêm uma visão mais restrita do seu papel, enquanto provedor financeiro, ou que não se encontram emocionalmente conectados com o bebé, possivelmente não seriam cativados por tal proposta.

De tudo o que foi possível aferir através da primeira entrevista, destaca-se, nestes pais a presença de duas realidades: aqueles cuja experiência de paternidade tem sido marcada exclusivamente pela positiva e os que manifestam sentimentos ambivalentes.

Nenhum pai tem uma visão negativa da paternidade, todos foram capazes de atribuir significância à experiência. A voz destes pais atesta o facto de que a vivência da paternidade impacta a vida dos pais de forma variada. Desde a responsabilidade de cumprir tal papel, com toda a mudanças de prioridades e a adaptação aos desafios implícitos que a chegada de um bebé acarreta (como privação de sono, alimentação, cólicas; birras e choros, etc.), a fatores que estão a ser vivenciados enquanto desafios: a gestão emocional que a experiência pode provocar (e.g., gerir o stress e frustração que por vezes advém de cuidar do bebé, sabendo que tal desafio se pode fazer presente tanto por características dos pais como dos bebés); a sensação de o laço afetivo com o bebé não ser uma construção tão forte como a existente entre a mãe e o bebé; a gestão do tempo de qualidade disponível para dedicar a cuidado do bebé bem como à relação conjugal e o impacto da ausência de rede de apoio social (familiar e institucional).

Como ficou evidenciado, são múltiplos os fatores que detêm influência no envolvimento do pai com o bebé: desde características internas do pai e do bebé a fatores externos que condicionam a experiência. Por esse motivo, uma perspetiva Bioecológica do desenvolvimento, como a que é adotada no domínio da Intervenção Precoce ser tão significativa: atender à realidade de cada sujeito, deverá ser sustentada numa visão alargada da mesma, que nos permite entender que os desafios evidenciados em cada caso, poderão resultar da conjugação de múltiplos fatores (Fuertes, 2019).

Atesta-se, portanto, que no tocante a apoiar cada família, somente uma análise datalhada quer da criança, como dos pais e da sua realidade de vida, possibilitará auferir respostas que se “encaixem” nas necessidades particulares de cada caso. Pois os desafios podem ser semelhantes, mas os factores condicionantes ser totalmente distintos.

Considerando, ainda, as conclusão referentes ao primeiro objectivo, há que destacar os três pontos de maior unanimidade no discurso dos pais: a referência aos momentos de “brincadeira” como os mais apreciados pelos pais, o facto de tal estar associado à “reciprocidade” que esses momentos mais facilmente fomentam e a “valoração do envolvimento paterno”.

A “reciprocidade” manifestada pelo bebé, foi referida por todos os pais, sendo possível perceber que é através da brincadeira que ocorrem as interações mais

significativas e as trocas afetivas entre ambos, o que sustenta como, de facto, é essa tal “dança intrínseca” (Fishbane, 2007) entre adulto e bebé que constrói e fortalece a relação.

O discurso dos pais atesta o referido na literatura, de que os pais se encontram muito mais envolvidos com os filhos por meio da brincadeira (Lima, Serôdio & Cruz, 2011; Parke, 2002) do que no cuidado e atividades funcionais, sendo essas mais relacionadas com as mães (Parke, 2002).

Parece que uma das explicações para tal, poderá residir no facto de os momentos de cuidado e atividades funcionais não demonstrarem tanto potencial para a interação e reciprocidade como os momentos de brincadeira: *“Eu acho que de brincar. Porque é o momento que a gente tem mais de interação, porque quando a gente dá comidinha, trocar a roupa... dar banho. Dar banho eu também gosto muito, porque é os momentos que a gente consegue brincar mais, interagir melhor. Porque dar a comidinha, não é divertido, é vamos dizer assim, uma obrigação. E também, porque são esses momentos de brincadeira, ela também é muito carinhosa, são nesses momentos de brincadeira que ela abraça, dá beijo, dá as risadas dela.” (P8).*

Considerando de que a sensibilidade parental atua como o fator mais proeminente ao na construção dos laços entre cuidador e bebé e que esta se encontra sujeita à capacidade do adulto de perceber os sinais exteriorizados pela criança; capacidade para os interpretar corretamente; capacidade de responder adequadamente a esses sinais e a capacidade de prontamente dar essas mesmas respostas (Ainsworth, Bell, & Stayton 1974) o facto de a brincadeira ser mais evidenciada que os cuidados parece contribuir para a tendência de a sensibilidade paterna ser inferior à materna (Faria, Lopes dos Santos & Fuertes, 2014).

De facto, não é por os pais não serem capazes de disponibilizar cuidados aos seus bebés, eles são capazes de ser tão sensíveis quanto as mães (Jones e Thomas, 1989), contudo, além dos distintos fatores passíveis de condicionar o envolvimento paterno (Cardoso, 2012), a dimensão da “reciprocidade” poderá explicar porque os pais acabam por se envolver mais na brincadeira do que nos cuidados: é mais fácil para os pais estabelecer trocas afetivas por meio da atividade lúdica, do que na disponibilização dos cuidados diários, uma vez que as situações de jogo levam o bebé a evidenciar sinais mais claros de afeto. Exigirá dos pais maior intencionalidade e resiliência na concretização de tais momentos no que diz respeito às tarefas de cuidado diário.

Nesse sentido, uma última dimensão deve ser digna de destaque: a “valoração do envolvimento paterno” presente na percepção de todos os pais (9/9).

Parece possível concluir que a convicção basilar do pai, de que o seu papel é importante e imprescindível, poderá contribuir positivamente para que os pais mantenham o compromisso afetivo com os seus bebés, mesmo sob a influência de fatores (e.g temperamento do bebé, horário laboral, etc.) que poderão conduzi-los a um maior afastamento em relação ao bebé e ao cuidado afetivo com o mesmo.

A literatura apela ao facto de que a “simples” mudança inerente ao “novo pai” que se tem observado nas últimas décadas exige trabalho emocional e a negociação de uma paternidade mais ativa (...) com as contínuas exigências da sociedade (Castoldi et al., 2014).

Entre a consciência teórica da importância de o pai estar envolvido com o bebé e a efetivação de tal envolvimento, existirá um longo caminho a percorrer, onde muitas vezes o “stress parental”, com origem em características das crianças, dos progenitores e do contexto (Reitman et al., 2002), se faz sobressair.

Ainda assim, há que ressaltar que essa consciência teórica já será meio caminho andado para que os pais se entreguem a essa tarefa e perseverem na mesma, pois o assumir de que o vínculo é importante, de que a presença do pai é imprescindível e que o bebé beneficia da mesma, constituirá motivação intrínseca para fazer face a todas as exigências que a paternidade possa acarretar.

Ao se atender aos dados obtidos no segundo e terceiro objetivo do estudo, o destaque vai para o impacto positivo sentido pelos pais em relação ao GroovaRoo Dance, nomeadamente na percepção do tempo de qualidade tido com o bebé.

De entre os contributos identificados pelos pais relativos à participação das aulas do GroovaRoo, destaca-se o facto de as mesmas serem promotoras de momentos de bem-estar os quais direcionam os pais a considerar que o tempo passado com o bebé na atividade se constitui como tempo de qualidade entre ambos. Tempo esse, que de outra maneira, acaba por não acontecer de forma tão consistente no decorrer do dia a dia para alguns deles.

Embora todos os pais tenham feito referência à promoção de tempo de qualidade como os bebés, destaca-se a narrativa de 3 pais em particular (P1; P4; P8).

Sendo a qualidade do tempo investido na relação é um fator determinante para o bem-estar da relação entre pai e bebé (Faria, Lopes dos Santos & Fuertes, 2014), o feedback dos pais quanto ao impacto da participação nas aulas constitui-se de particular interesse dado que os pais para quem o tempo de qualidade com os bebés se apresentava como mais restrito e que sentiam que o laço que têm com o bebé não é naturalmente tão forte como o que mãe tem, foram os mesmos que após o programa revelaram entender que este trouxe um contributo significativo nessa dificuldade que sentiam.

Para o *P1* porque se apresentava como o “*momento alto da semana*” onde podia estar “*a sós*” com a bebé; para o *P4*, pelo facto de os momentos passados na experiência o “*motivaram a continuar a investir no vínculo*” e para o *P8*, por identificar que no decorrer da participação do programa a bebé deixou de estar tão resistente a passar tempo sozinha com ele, chegando a “*preferi-lo quando chora, em vez da mãe*”.

Essa última constatação parece ir ao encontro do que é referido na literatura, de que quando é dada ao pai igual oportunidade de passar tempo com o seu bebé, dando colo, carícias, etc. os bebés acabam por solicitar os cuidados ao pai tanto quanto solicitam os da mãe (Moço, 2008).

Salienta-se, contudo, que os dados quantitativos aferidos na observação da interação livre entre pai-bebé, não espelham que o programa de dança tenha tido impacto significativo nos scores da interação dos mesmos com os seus bebés, talvez pelas limitações presentes no estudo.

Contudo, olhando do ponto de vista dos bebés, registaram-se francas melhorias nos seus comportamentos, nomeadamente no que diz respeito ao *Posicionamento e Manipulação; Diretividade; Atividade lúdica e Reciprocidade*. Tendo em consideração um n tão baixo, a subsignificância de .061 aceitável como erro demonstra uma mudança muito próxima do valor de significância (.050), a qual deve ser destacada.

Considerando o que os dados quantitativos evidenciam relativamente ao comportamentos dos bebés e o que a investigação qualitativa dá a conhecer em termos das perceções paternas, a possibilidade de o programa GroovaRoo Dance poder, de facto, atuar como uma mais-valia interventiva ao serviço das práticas de IP, não parece ser, de todo, descabida, visto que em Portugal, a vinculação de risco é um critério de

elegibilidade para a obtenção de respostas integradas de Intervenção Precoce (Fuertes, 2016).

Atendendo à importância da vinculação e ao contributo fundamental do pai no desenvolvimento do bebé (Faria, Santos & Fuertes, 2014), sugerir a participação destes cuidadores no GroovaRoo Dance poderá ser um ponto válido a considerar.

Ao se considerar que a Intervenção Precoce pressupõe práticas centradas na família convidativas a que o adulto tenha o maior envolvimento possível na intervenção realizada (Fuertes, 2016) o programa GroovaRoo Dance pode oferecer um convite, por excelência, nesse domínio.

Embora não tenha sido possível obter resultados generalizados que validem a proposta, as perceções parentais de quem participou no estudo não deverão ser desconsideradas. Principalmente se considerarmos o destacado por Poeira et al. (2021, p.236), de que “investigações futuras devem incluir uma metodologia experimental ou quase-experimental que permite identificar a eficácia de intervenções específicas na criação do vínculo do pai ao RN”. Os dados deste estudo podem ser inconclusivos no que toca a generalizações, mas já levantam um pouco mais do véu para o que se poderá constituir como uma das intervenções específicas nesse domínio.

5.2 Limitações e considerações para estudos futuros

É possível identificar algumas limitações no presente estudo.

Em primeiro lugar, o reduzido número de participantes impossibilita a generalização de resultados. Somente uma amostra mais alargada trará maior fiabilidade e possibilitará um maior entendimento quanto às reflexões levantadas neste trabalho.

Não obstante, o alargamento da amostra dependerá do desejo de participação dos pais nesta investigação. Tal nem sempre é fácil, os pais não são frequentes nas aulas de dança para bebés.

Adicionalmente, a duração do programa implicou um nível de compromisso temporal alargado por parte dos participantes. Tal, pode também constituir-se como fator desmotivante para a participação dos pais. Mesmo na amostra que se disponibilizou, nem todos os pais participaram no número total de sessões do programa. Alguns cumpriram

as 12 sessões, outros tiveram uma participação mais restrita (entre 4 a 8 sessões), o que dificulta o tratamento de dados.

Como se afirmou na discussão dos resultados, os estudos de sensibilidade revelam alguma consistência e os estudos de intervenção indicam que mudanças são lentas e progressivas, pelo que a própria irregularidade da participação dos pais no programa poderá ter condicionado os resultados que se obteve no tocante à recolha de dados quantitativos. Poder-se-á questionar se os scores obtidos nas pontuações da MINDS seriam semelhantes ou se teria sido possível identificar alterações consideráveis se todos os participantes tivessem cumprido a totalidade do programa.

Se considerarmos que a mudança é lenta e progressiva, também há que refletir se a participação em 12 sessões será tempo suficiente para promover alteração nos comportamentos da díade ou se seria necessária uma exposição ainda mais prolongada ao programa para que dados significativos fossem registados.

Tais elações poderão vir a ser tiradas em oportunidades futuras, caso se procure novamente atestar o impacto do GroovaRoo interação pai-bebé com outro desenho experimental. Por agora, este estudo apresenta-se como exploratório no que diz respeito à investigação em torno da paternidade, particularmente no que diz respeito à divulgação de programas como o GroovaRoo Dance e a sua mais-valia no apoio à promoção da qualidade na interação pai-bebé.

Não sendo possível afirmar o seu impacto no aumento da qualidade da interação pai-bebé (embora na maioria dos casos a pontuação tanto do pai como do bebé na observação em jogo livre tenha aumentado da observação pré-dança para a pós-dança) mediante dados quantitativos, pelo evidenciado na análise qualitativa do discurso dos participantes, poder-se-á concluir que o programa poderá, à partida, atuar como mais-valia na promoção do tempo de qualidade entre pai bebé e maior sensibilização paterna quanto à valorização e priorização da relação afetiva que têm com os seus bebés, sendo cada vez mais intencionais no estabelecer dos laços afetivos.

6. REFERÊNCIAS

| ' ' | | ' ' |

Abraham, E., & Feldman, R. (2018). The neurobiology of human allomaternal care: Implications for fathering, coparenting, and children's social development. *Physiology & Behavior*, 193, 25–34. [https:// doi.org/10.1016/j.physbeh.2017.12.034](https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2017.12.034)

Ainsworth, M. D. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Ainsworth, M. D. (1985). Attachments across the life span. *Bulletin of the New York Academy of medicine*, 61(9), 792. PMID: 3864511

Ainsworth, M. D., Bell, S., & Stayton, D. (1974). Infant mother attachment and social development: "Socialization" as a product reciprocal responsiveness to signals. In M. P. Richards (Ed.), *The integration of a child into a social world* (pp. 99-135). London: Cambridge University Press.

Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Nova Iorque: Psychology Press.

Arrais, A. I. (2012). Envolvimento paterno, stress parental e apoio social em pais de crianças em idade escolar (Dissertação de Mestrado Integrado não publicada). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/6911>

Bardin, L (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA

Balancho, L. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 377-386. doi.org/10.14417/ap.198

Bakermans-Kranenburg, M. J., Lotz, A., Alyousefi-van Dijk, K., & van IJzendoorn, M. (2019). Birth of a father: Fathering in the first 1,000 days. *Child Development Perspectives*, 13(4), 247-253. doi.org/10.1111/cdep.12347

Beebe, B., & Lachmann, F. (1998). Co-constructing inner and relational processes: Self and mutual regulation in infant research and adult treatment. *Psychoanalytic Psychology*, 15, 480–516

Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28(85), 67-75. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&tlng=pt.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto editora.

Bossardi, C. N. & Vieira, M. L. (2010). Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, 44(1), 205-221. <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2010v44n1p205>

Branco, R. S. D. A. (2008). *A importância da figura paterna na Relação mãe-bebé* (dissertação de mestrado não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada: Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.12/5032>

Brandão, S. M. P. A (2009). - Envolvimento emocional do pai com o bebé: impacto da experiência do parto. (dissertação de mestrado não publicada). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10216/16151>

Braungart-Rieker, J. M., Garwood, M. M., Powers, B. P., & Wang, X. (2001). Parental sensitivity, infant affect, and affect regulation: *Predictors of later attachment*. *Child Development*, 72(1), 252-270. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00277>

Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. California: Sage Publications.

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. Em Damon, W. & Lerner, R. M. (Eds.). *Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development* (993-1028). New York: John Wiley.

Canavarro, C., & Pedrosa, A. (2005). Transição para a Parentalidade Compreensão segundo diferentes Perspetivas Teóricas . In I. Leal, *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* (pp. 225-255). Lisboa: Fim de Século.

Calkins, S. (2004). Early Attachment Processes and the Development of Emotional Self-regulation. In Baumeister & Vohs (Eds.). *The Handbook of Self-regulation*. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum.

Campos, Diana Catarina Ferreira de, & Graveto, João Manuel Garcia do Nascimento. (2010). Oxitocina e comportamento humano. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(1), 125-130.

Cardoso, A. C. D. (2012). *A influência do suporte social no envolvimento emocional do pai com o bebé* (tese de doutoramento não publicada). Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde de Viseu). <http://hdl.handle.net/10400.19/1480>

Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise psicológica*, 31(4), 393-406. <https://doi.org/10.14417/ap.807>

Carvalho, M. L. M. D. (2003). Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 19. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800020>

Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. D. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em estudo*, 19, 247-259. <https://doi.org/10.1590/1413-737222105008>

Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). Content analysis and grounded theory in Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research methods in education*. (pp. 475-495) Routledge.

Crittenden, P. M. (2003). *CARE-Index manual*. Family Relations Institute, Miami.

Edwards, J. (2011). The use of music therapy to promote attachment between parents and infants. *The Arts in Psychotherapy*, 38(3), 190-195. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2011.05.002>

Eizirik M & Bergmann DS. (2004) Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Revista Psiquiatria Rio Grande do Sul*. 26(3). <https://doi.org/10.1590/S0101-81082004000300010>

Engelhard, E. S., Zaides, J. A., & Federman, D. (2021). The mother's perspective of body knowledge and expressions as a language in mother-infant relationships. *The Arts in Psychotherapy*, 72, 101746. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2020.101746>

Faria, A., dos Santos, P. L., & Fuertes, M. (2014). Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes. *Análise Psicológica*, 4 (XXXII), 419-437. [10.14417/ap.698](https://doi.org/10.14417/ap.698)

Featherstone, B. (2004). Fathers matter: A research review. *Children & Society*, 18(4), 312-319.

Figueiredo, B. (1997). Depressão pós-parto, Interação mãe-bebé e desenvolvimento infantil, (tese de doutoramento não publicada). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho: Braga. <http://hdl.handle.net/10400.12/1632>

Figueiredo, B. (2001). Perturbações psicopatológicas da maternidade. Em C. Canavarro (ed.). *Psicologia da gravidez e da maternidade*, 161-188, Coimbra: Quarteto Editora.

Figueiredo, B., & Lamela, D. (2014). Parentalidade e coparentalidade: Conceitos básicos e programas de intervenção. *CUP Book: Contributos para a intervenção em Psicologia*, 151-172.

Figueiredo, B., Marques, A., Costa, R., Pacheco, A. & Pais, A. (2005) – Bonding: escala para avaliar o envolvimento emocional dos pais com o bebé. *Psychologica*. 40, p.133-154. <https://hdl.handle.net/1822/4717>

Figueiredo, B., Costa, R., Pacheco, A., & Pais, A. (2007). Mother-to-infant and father-to-infant initial emotional involvement. *Early Child Development and Care*, 177(5), 521-532. DOI: 10.1080/03004430600577562

Fishbane, M. D. (2007). Wired to connect: Neuroscience, relationships, and therapy. *Family process*, 46(3), 395-412. 10.1111/j.1545-5300.2007.00219.x

Fuertes, M., Canelhas, Oliveira-Costa, A., Faria, A., Ribeiro, Soares, H., Sousa & Lopes dos Santos, P. (2014). Mother-infant descriptive dyadic system: MINDS. Manual não publicado. FPCE: Universidade do Porto.

Fuertes, M. (2016). Intervenção precoce na infância: práticas suportadas na evidência. In Evidências em Intervenção Precoce. CIED (Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais): Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa. <https://doi.org/10.34629/ipl/eselx/ebook.006>

Fuertes, M., Castro, S., Alves, M. J., Faria, A., Osório, T., & Sousa, O. (2017). Interação e linguagem dirigida a crianças de quinze meses. *Psicologia USP*, 28, 346-357. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160154>

Fuertes, M. (2019). Intervenção Precoce na Infância—práticas suportadas na evidência. *Psicologia da Educação: Temas de Aprofundamento Científico*. Coimbra: Almedina, 587-581.

Fuertes, M., Antunes, S., Martelo, I., & Dionisio, F. (2022). The impact of low birthweight in infant patterns of regulatory behavior, mother-infant quality of interaction, and attachment. *Early human development*, 172, 105633. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2022.105633>

Gândara, D. R. N. (2012). *Díade pai-bebé: envolvimento emocional e stress paterno* (tese de doutoramento não publicada). Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde de Viseu). <http://hdl.handle.net/10400.19/1527>

George, C., & Solomon, J. (1999). Attachment and caregiving: The caregiving behavioral system. em J. Cassidy & P. Shaver (Eds.) (1999). *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Application* (pp. 649-670). New York: Guilford Press.

Goleman, D. (2006). *Social intelligence: The new science of human relationships*. New York: Bantam Books.

Gomez, R., & Leal, I. (2009). Stress parental no período pós-parto: Adaptação do Parental Stress Inventory para a população portuguesa. *Psychologica*, (50), 361-372. https://doi.org/10.14195/1647-8606_50_19

Gonçalves, I., & Fuertes, M. (2016). A importância do pai na qualidade da autorregulação do bebé. *Evidências em Intervenção Precoce*, 37-54. <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.063>

GroovaRoo. (s/d). *Groovaroo dance*. <https://groovaroo.com>.

Harvey AR (2020) Links Between the Neurobiology of Oxytocin and Human Musicality. *Front. Hum. Neurosci.* 14:350. 10.3389/fnhum.2020.00350

Jones, L. C., & Thomas, S. A. (1989). New Fathers' Blood Pressure and Heart Rate: Relationships to Interactions With Their Newborn Infants. *Nursing Research*, 38(4), 237-241.

Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter

Lamb, M., & Tamis-LeMonda, C. (2004). *The role of the father in child development*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons

Lucassen, N., Tharner, A., Van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., Volling, B. L., Verhulst, F. C., & Tiemeier, H. (2011). The association between paternal sensitivity and infant father attachment security: A meta-analysis of three decades of research. *Journal of Family Psychology*, 25, 986-992. doi:10.1037/a0025855

Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 29(4), 567-578. <https://doi.org/10.14417/ap.104>

Meekums, B., & Payne, H. (1993). Emerging methodology in dance movement therapy research. In H. Payne (Ed.), *Handbook of inquiry in the arts therapies*, 164–176). London: Jessica Kingsley Publishers. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2009.10.001>

Menezes, M. D. S. L., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2019). Envolvimento paterno na relação mãe-bebê: revisão integrativa da literatura. *Psicologia em Revista*, 25(1), 19-39. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p19-39>

Meteyer, K., & Perry-Jenkins, M. (2010). Father involvement among working-class, dual-earner couples. *Fathering*, 8(3), 379-403. DOI:10.1111/jftr.12410

Moço, C. M. D. J. S. (2008). Paternidade e toque: a relação entre o pai e as massagens no bebé (dissertação de doutoramento não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada: Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.12/3718>

Monteiro, L., Verissimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409. <https://doi.org/10.14417/ap.502>

Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 120-130. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420640013>

Monteiro, L., Torres, N., & Salinas-Quiroz, F. (2019). Preditores do envolvimento paterno numa amostra de famílias portuguesas. O papel das crenças parentais. *Suma Psicológica*, 26(2), 94-102. <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2019.v26.n2.5>

Murcia, C. Q., & Kreutz, G. (2012). Dance and health: Exploring interactions and implications. Music, health, and wellbeing (126-135). In *Music, Health and Wellbeing*: Oxford University. 10.1093/acprof:oso/9780199586974.003.0010

Patton, M. Q. (2002). *Qualitative Research and Evaluation Methods*, 3rd Edn. Thousand Oaks, CA: Sage.

Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *The handbook of parenting: Vol. 3. Status and social conditions of parenting* (2nd ed., pp. 27-73). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Pereira, M. A. R. A. (2009). O primeiro contacto pai-bebé: um olhar sobre a prática. (dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Porto: Porto. <https://hdl.handle.net/10216/20151>

Pereira, L. K. (2014). " Ser pai..." o que trago, o que levo e quanto sou capaz: envolvimento paterno, memórias, estilo, e satisfação parental. [tese de doutoramento não publicada]. Faculdade Psicologia de Lisboa: Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/18119>

Pereira, A. P., & Serrano, A. M. (2010). Abordagem centrada na família em intervenção precoce: perspectivas histórica, conceptual e empírica. *Revista diversidades*, 27(7), 4-11.

Piccinini, C. A., Silva, M. D. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 17, 303-314. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300003>

Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lindenmeyer, D., & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26, 373-382. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000300010>

Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by U.S. residential fathers: Levels, sources, and consequences. Em M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 222-271). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.

Poeira, A. Dias, A. Condinho, L., Cerdeira, R., & Frias, A. (2021). O processo de vinculação do pai com o recém-nascido: uma revisão narrativa In Ana Frias e Cláudia Agostinho (Org). *A Obra Prima: a arte de cuidar no início da vida*. Cap. 17, (222-239). Guarujá. São Paulo: Editora Científica Digital. DOI: 10.37885/210705251

Osteberg, M. & Hagekull, B. (2000). A structural modeling approach to the understanding of parenting stress. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29(4), 615-625. https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP2904_13

Quivy, L., & Champenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª Ed.). Lisboa: Gradiva.

Ramalho, A. C. F. D. N. P. (2015). *Relação do envolvimento paterno com variáveis do pai, da criança, da família de origem e da relação conjugal*. [tese de doutoramento não publicada]. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/23129>

Rattaz, V., Puglisi, N., Tissot, H., & Favez, N. (2022). Associations between parent–infant interactions, cortisol and vagal regulation in infants, and socioemotional outcomes: A systematic review. *Infant Behavior and Development*, 67, 101687. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2022.101687>

Reitman, D., Currier, R.O. & Stickle, R.T. (2002). A critical evaluation of the Parenting Stress Index-Short Form (PSI-SF) in a Head Start Population. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 31(3), 384-392. [10.1207/S15374424JCCP3103_10](https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP3103_10)

Sameroff, A. J., & Chandler, M. J. (1975). Reproductive risk and the continuum of caretaking casualty. In F. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scarr-Salapatek & G.

Siegel (Eds.), *Review of Child Development Research* (Vol. 4, pp. 187-244). Chicago: University of Chicago Press

Sameroff, A. (2010). *A unified theory of development: a dialectic integration of nature and nurture*. *Child Development*, 81(1), 6-22. doi: 10.1111/j.1467-8624.2009.01378.x.

Shapiro, A. F. (2004). *Examining relationships between the marriage, mother-father-baby interactions and infant emotion regulation*. [tese de doutoramento não publicada] University of Washington.

Silva, C., Martins, C., & Pinto, C. (2019). Tornar-se pai: uma exploração qualitativa da experiência dos homens portugueses. In A. P. Costa, C. Oliveira, E. Synthia, J. Ribeiro, H. Presado, & C. Baixinho (Eds.), *Atas do 8º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa: Investigação Qualitativa na Saúde* (pp. 675-684). Lisboa: Ludomedia. <https://hdl.handle.net/1822/62989>

Soares, M. D. C. P. E. (2013). *“Ser pai de um filho... deleite ou sarilho?” Depressão pós-parto masculina e bonding pai-bebé: um estudo exploratório*. [dissertação de mestrado não publicada]. Instituto Superior de Psicologia Aplicada: Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.12/2756>

Shuper-Engelhard, E., Moshe, S., Kedem, D., & Regev, D. (2021). The parent-child movement scale (PCMS): Observing emotional facets of mother-child relationships through joint dance. *The Arts in Psychotherapy*, 76, 101843. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2021.101843>

Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100012>

Tortora, S. (2013). The Essential Role of the Body in the Parent-Infant Relationship: Nonverbal Analysis of Attachment. In: Bettmann, J., Demetri Friedman, D. (eds) *Attachment-Based Clinical Work with Children and Adolescents*.

Essential Clinical Social Work Series. Springer, New York, NY.
https://doi.org/10.1007/978-1-4614-4848-8_7

Tronick, E. (2007). *The neurobehavioral and social-emotional development of infants and children.* New York, NY: W.W. Norton.

Ullsten, A., Eriksson, M., Klässbo, M., & Volgsten, U. (2018). Singing, sharing, soothing – biopsychosocial rationales for parental infant-directed singing in neonatal pain management: A theoretical approach. *Music & Science*, 1. <https://doi.org/10.1177/2059204318780841>

Walter, I., Landers, S., Quehenberger, J., Carlson, E., & Brisch, K. H. (2019). * The efficacy of the attachment-based SAFE® prevention program: a randomized control trial including mothers and fathers. *Attachment & Human Development*, 21(5), 510-531. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1582599>

7. ANEXOS



ANEXO 1 Guião entrevista semiestruturada Envolvimento Paterno

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PAIS

Temática- Representações paternas sobre importância e impacto do envolvimento paterno

Objetivo geral- estudar a conceção dos pais participantes do estudo sobre a importância que atribuem ao seu envolvimento com o bebé e caracterizar a experiência dos pais quanto ao envolvimento com o seu bebé.

DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DAS QUESTÕES
LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado Garantir a confidencialidade	Dar a informação sobre este trabalho de investigação, os seus objetivos e sua metodologia explicando que se pretende inferir. Pedir a colaboração do entrevistado e justificar o valor da sua contribuição para o êxito do presente trabalho. Assegurar o carácter confidencial das informações.
CONCEPTUALIZAÇÃO DO ENVOVLIMENTO PATERNO	Recolher dados de opinião acerca do impacto e importância do envolvimento paterno	1- Qual a importância do pai para o desenvolvimento do bebé? 2- Que importância atribui ao envolvimento paterno? 3- Que importância atribui ao vínculo/à relação afetiva

		<p>que existe entre o bebê e o pai?</p> <p>4- Como completaria a frase: “ser pai é...”</p>
<p>EXPERIÊNCIA DECORRENTE DO ENVOLVIMENTO PATERNO</p>	<p>Conhecer a vivência do entrevistado quanto ao seu envolvimento nos cuidados e interação com o bebê</p>	<p>1- Como tem sido a vivência da paternidade? Qual a rotina associada?</p> <p>2- Que dificuldades/desafios sente?</p> <p>3- Como lida com essas dificuldades/desafio?</p> <p>4- O que gosta mais de fazer com seu bebê?</p>
<p>FINALIZAÇÃO</p>	<p>Finalizar a entrevista agradecendo e valorizando a colaboração do entrevistado para a realização deste trabalho.</p>	

**ANEXO 2: Guião entrevista semiestruturada
participação GroovaRoo Dance**

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PAIS

Temática- Perceções paternas quanto ao impacto do programa GroovaRoo Dance.

Objetivo geral- aferir, de acordo com a experiência subjetiva de cada participante, o impacto positivo e/ou negativo da participação dos pais nas aulas do GroovaRoo Dance.

DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DAS QUESTÕES
LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado Garantir a confidencialidade	Dar a informação sobre este trabalho de investigação, os seus objetivos e sua metodologia explicando que se pretende inferir. Pedir a colaboração do entrevistado e justificar o valor da sua contribuição para o êxito do presente trabalho. Assegurar o carácter confidencial das informações.
EXPERIÊNCIA DECORRENTE DA PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA DE DANÇA “GROOVAROO”	Recolher dados de opinião acerca do impacto das aulas do GroovaRoo baseados na participação no programa	1- Como descreveria a experiência do GroovaRoo Dance? 2- Foi uma experiência globalmente positiva ou uma experiência que envolveu um grande grau de desconforto/inibição? 3- Estariam interessados em dar seguimento às aulas, continuando a participar no programa para além dos 3

		<p>meses de participação pré-definidos? [Recomendaria a outros pais?].</p> <p>4- Apropriaram-se das coreografias na interação com o bebê, usando-as noutros contextos para além do local de implementação do programa tais como em casa?</p> <p>5- O que diria que as aulas do GroovaRoo acrescentaram à sua experiência de paternidade? E de relação afetiva com o bebê?</p>
FINALIZAÇÃO	Finalizar a entrevista agradecendo e valorizando a colaboração do entrevistado para a realização deste trabalho.	

ANEXO 3: Consentimento Informado



TESE DE MESTRADO "FATHER-INFANT BONDING: THE INTRICATE DANCE
BETWEEN PARENTS AND BABY"



DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu,

aceito colaborar, como participante, na investigação "Father-infant bonding: the intricate dance between parents and baby" que está a ser desenvolvido pelo Centro Interdisciplinar de Estudos Educativos (CIED) da Escola Superior de Educação de Lisboa na escola de dança LOVE2DANCE.

Declaro também, que autorizo o meu filho(a) a participar nesta investigação.

Declaro que:

- Li e compreendi a informação presente no documento "Informação à Família", tendo-me sido facultada uma cópia desse documento, e dada a oportunidade de colocar todas as questões considerarei necessárias;
- Tenho presente que a participação neste estudo é voluntária, que poderei recusar-me a participar no mesmo, ou, caso pretenda participar, posso desistir em qualquer momento do mesmo, sem qualquer prejuízo;
- Autorizo a gravação vídeo das tarefas de interação propostas, bem como o preenchimento individual de questionários e a gravação em áudio das entrevistas conduzidas durante a investigação;
- Compreendi que as nossas identidades serão salvaguardadas e que as imagens serão apenas utilizadas para o estudo em questão e o seu uso será feito exclusivamente pela equipa de investigadores;

Local e data: Porto, ____/____/____

Assinaturas:

O participante
(_____)

A investigadora
(Marta Cleto Silva Pinheiro)

A orientadora
(Joana Lopes)

ANEXO 4: Informação à Família



TESE DE Mestrado "FATHER-INFANT BONDING:
THE INTRICATE DANCE BETWEEN PARENTS AND BABY"

INFORMAÇÃO À FAMÍLIA



O Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED) da Escola Superior de Educação de Lisboa encontra-se a realizar uma investigação intitulada "Father-infant bonding: the intricate dance between parents and baby" com o intuito de conhecer a perceção paterna sobre a importância do envolvimento paterno no desenvolvimento da criança e avaliar o efeito da dança no bonding pai-bebé.

Gostávamos de o convidar para participar nessa investigação.

Antes de decidir participar, ou não, neste estudo, é fundamental que compreenda os objetivos deste estudo e o que implica a sua participação. Neste sentido, peço-lhe que leia a informação que se segue e que, caso persistam algumas dúvidas ou qualquer tipo de questão, entre em contacto comigo.

Agradeço, desde já, a sua disponibilidade.

Objetivos do estudo: o presente estudo tem dois objetivos. Pretendemos explorar as perceções paternas quanto à importância da construção de uma relação de vínculo com os filhos e a forma como têm vivido essa experiência. Pretendemos, também, aferir o impacto que programas de intervenção no domínio da dança – sustentados pelo dance-movement-therapy - poderão ter na qualidade das interações pai-bebé e reflectir sobre a potencialidade de um instrumento como o GroovaRoo Dance para a promoção e apoio dos pais na construção do vínculo com os seus filhos.

Qual a importância do estudo? O estudo está organizado de forma a permitir a identificação dos aspetos que possam afetar a qualidade da relação pai-bebé, bem como contribuir para que seja dada voz aos pais e reconhecimento ao seu papel. Por isso, esperamos que a sua realização permita desenvolver novas formas de apoiar a relação dos pais com os seus bebés durante o primeiro ano de vida.

Participantes do estudo: O estudo vai ser realizado com a ajuda de pais e seus bebés recrutados de acordo com as especificidades do projeto.

O que implica a minha participação? A participação neste estudo implica uma entrevista em que vamos pedir-lhe algumas informações acerca de si, pedir-lhe que preencha um questionário sociodemográfico e responda a algumas questões sobre a sua perceção em relação à importância do envolvimento paterno no desenvolvimento do bebé. Para tal, gostaríamos que nos visitasse nas instalações da Escola de Dança LOVE2DANCE. Se concordar participar neste estudo, ser-lhe-á pedido que assine a Declaração de Consentimento Informado.

Os encontros na Escola de Dança LOVE2DANCE serão realizados aos sábados de manhã. A Escola disponibiliza as suas instalações para receber as famílias dispondo de todas as comodidades necessárias. Sublinha-se que será respeitado o princípio de que nenhuma investigação poderá ser mais importante do que o vosso bem-estar e as vossas prioridades. Na primeira visita, na Escola de Dança LOVE2DANCE vamos pedir-lhe que brinque com o seu bebé durante alguns minutos, procedendo à gravação em vídeo desses minutos. Durante as 12 semanas seguintes, as visitas serão dedicadas à participação das aulas de dança (GroovaRoo Dance) em grupo. Por fim, na última visita será repetido o procedimento da primeira: vamos pedir-lhe que brinque com o seu bebé durante alguns minutos, procedendo à gravação em vídeo desses minutos. Uma última entrevista será conduzida com o objetivo de para analisar a sua perceção em relação ao impacto da participação no programa de intervenção com dança.

Embora a participação na investigação em si não acarrete despesas ou encargos para a sua família, será necessário assumir a disponibilidade para se deslocarem à escola. Havendo, contudo, a possibilidade de para as 12 semanas de aulas do GroovaRoo, as mesmas serem realizadas on-line (reduzindo consideravelmente as vossas deslocações à escola).

A escola LOVE2DANCE está localizada na Rua de Serpa Pinto 139, Porto, a cerca de 5 minutos da estação de metro "Carolina Michaelis". Poderá optar por utilizar o transporte público ou recorrer a viatura própria. No caso de assim o fazer, não existe parque de estacionamento na escola, contudo, uns metros adiante encontra-se o "Continente Bom Dia de Serpa Pinto", poderá estacionar o parque no estacionamento do supermercado desde que faça alguma compra no mesmo (por exemplo, uma garrafa de água).

Será, também, necessário que possua "porta bebês"- marsúpio /sling para as sessões de dança em que irá participar (caso não possua um, faça-nos saber, pois poderemos contornar essa questão).

Posso desistir, depois de o estudo começar? Pode desistir do estudo em qualquer momento, sem qualquer prejuízo para si ou para o seu filho.

O que acontece aos dados recolhidos (imagens, áudio, questionários, etc.)? Os dados recolhidos neste estudo serão confidenciais, não identificando nunca os participantes do estudo, sendo apenas visualizado pela equipa de investigadores. Importa realçar também que todas as gravações decorrentes deste estudo serão destruídas.

E quanto aos resultados? Os resultados desse estudo serão utilizados para análises estatísticas e para a publicação de artigos científicos. Terá tempo para refletir sobre o pedido de participação, podendo ouvir a opinião de familiares e/ou amigos. Realça-se, novamente, o facto de os participantes não serem identificados em nenhuma publicação ou relatório.

Sou obrigado a participar? A participação neste estudo é totalmente voluntária, podendo decidir se quer, ou não, participar no mesmo. Caso decida participar, pode desistir em qualquer momento, sem qualquer justificação ou prejuízo.

Quais os benefícios esperados e riscos possíveis? Terá como benefícios aceder a toda a informação resultante desta investigação e terá a oportunidade de conhecer ainda melhor o seu bebé. Relativamente às gravações, não existem riscos associados, uma vez que em todos os instrumentos estão cientificamente validados e obedecem a rigorosos critérios de aplicação e/ou administração. No que diz respeito às aulas GroovaRoo Dance, salientamos que a prática de exercício físico tem sempre algum risco associado, mas a escola encontra-se protegida com seguro para tais eventualidades. Salientamos, que será de máxima importância que a colocação do bebé no porta-bebês / sling seja feita adequadamente. Tal procedimento será revisto a cada aula e será disponibilizado todo o acompanhamento necessário para que se torne um procedimento familiar. A sua saúde e a do seu bebé será sempre preservada/salvaguardada.

E em caso de dúvidas ou questões? Caso necessite de algum esclarecimento ou informação adicional, por favor contacte-me por telemóvel ou email:

- a) +351 931 300 423
- b) Email: marta.cleto.ip@gmail.com

Local e data: Porto, ____/____/____

Assinaturas:

O participante
(_____)

A investigadora
(Marta Cleto Silva Pinheiro)

A orientadora
(Joana Lopes)

ANEXO 5: Tabelas análise conteúdo

Tabela 1: Análise Conteúdo

Funções do pai

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Entrevistas
Grau	Semelhante ao materno	Igualdade/Tão importante como	P1, P3, P7, P9
	Inferior ao materno	Papel da mãe é mais importante/ impacto mais forte	P4, P6
Tipo	Estabilidade e suporte ao desenvolvimento	Diversidade de experiências Construção da identidade do bebê Equilíbrio e harmonia no desenvolvimento	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9
	Apoio à mãe	Complementaridade Cooperação Divisão de tarefas Alívio sobrecarga materna	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P8, P9
Pré-requisitos	Instinto	Forma natural Adaptação na hora Instinto	P3, P6, P7
	Experiência informal	Experiência de vida Reflexão	P2, P4, P6, P8, P9
	Experiência formal	Procura por conhecimento Cursos Leitura	P2, P7, P9

Tema: Funções do pai

Tabela 2: Análise Conteúdo***Impactos da paternidade***

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Entrevistas	
Tema: Impactos da paternidade	Ganhos	Prazer e Bem-Estar	Bem-estar Agradável Paz Emoção Gratificante	P1,P2, P3, P5, P6, P7, P8, P9
		Reciprocidade	Interação Reage	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9
	Dificuldades	Mudança e Aprendizagem	Acontecimento que mais nos muda Processo Experiência nova	P1, P2,P3, P4, P8
		Gestão Emocional	Stress Perder a cabeça Ter calma	P3, P4, P6, P9
	Mudança neutra	Sentimentos Ambivalentes	Exigente Duro/ Bom Trabalho complicado Dificuldades/ Maravilhoso Desafiante/ Vale a pena	P2, P3, P4, P6, P8,
		Preocupação	Sinal de que está tudo bem Preocupados	P2, P5
	Mudança neutra	Dinâmica do casal	Relacionamento com a esposa Rotina do casal	P1, P6, P9
		Prioridades	Reorganização das prioridades Aumento da responsabilidade	P1, P9
	Mudança neutra	Cuidados	Participação nas rotinas do bebé Gerir as demandas (cólicas, privação de sono; alimentação)	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9

Tabela 3: Análise Conteúdo***Condições facilitadoras e dificultadoras do envolvimento paterno***

	Categoria	Subcategoria	Indicadores	Entrevistas	
Tema: Condições facilitadoras e dificultadoras do envolvimento paterno	Condições facilitadoras	Rede de apoio	Apoio da família/ amigos	P1,P4, P5,	
			Recorrer a serviços de saúde/ Pediatra	P7	
		Cooperação/ Trabalho de equipa	Divisão/ partilha de tarefas	P1, P2, P5,	
			Auxílio mútuo	P6, P8, P9	
		Brincadeira	Momentos de brincar	P1, P2,P3,	
			Cantar/ dançar	P4, P5, P6, P7. P8, P9	
		Valoração Envolvimento	Responsabilidade na construção da relação	P1, P2,P3, P4, P5, P6,	
			Importância do vínculo	P7. P8, P9	
		Condições dificultadoras	Rede de apoio escassa	Sozinhos	P4, P6
			Tempo de qualidade limitado	Compensar ausência Rotina de trabalho	P1, P4, P8
Condicionantes biológicas	Construção da relação não é tão natural como a materna		P1, P4, P8		

Tabela 4- Análise Conteúdo

Impacto GroovaRoo

	Categoria	Subcategoria	Indicadores	Entrevistas
Tema: Impacto do programa GroovaRoo	Grau	Positivo	Recomendaria	P1,P2, P3,
			Continuidade	P4, P5, P6,
			Experiência positiva	P7, P8, P9
	Tipo	Tempo de qualidade	Momento a dois	P1,P2, P3,
			Intimidade/ Aproximação	P4, P5, P6, P7, P8, P9
		Bem-estar	Divertido	P1, P2, P6,
			Muito bom	P7, P8
		Aprendizagem	Conhecimentos	P2, P3, P4,
			dança/exercício físico	P6, P7. P9
			Uso do marsúpio	
Socialização		Apropriação dos passos de dança na interação do dia-a-dia		
		Espírito de grupo	P1, P3, P5,	
Percepções		Estar com outros pais	P9	
	Abrir a mente	P4, P6, P7,		
	Novo olhar	P8		
		Novas possibilidades de interação		
		Colocar na pele do outro		
